



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**IZAEL DA SILVA DE MIRANDA**

**PIRANGI CLUBE E FUMACÊ CLUBE:** Memórias de  
Sociabilidades e Conflitos nos clubes de festas da cidade de Buriti  
Dos Lopes – PI (1966-1990)

**PARNAÍBA – PI**

**2014**

**IZAEL DA SILVA DE MIRANDA**

**PIRANGI CLUBE E FUMACÊ CLUBE: Memórias de  
Sociabilidades e Conflitos nos clubes de festas da cidade de Buriti  
Dos Lopes – PI (1966-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual do Piauí como um dos  
pré-requisitos para a conclusão do curso de  
Licenciatura Plena em História, sob a  
orientação do prof. Mestre André Aguiar  
Nogueira.

**PARNAÍBA – PI**

**JULHO – 2014**

IZAEL DA SILVA DE MIRANDA

**PIRANGI CLUBE E FUMACÊ CLUBE: Memórias de  
Sociabilidades e Conflitos nos clubes de festas da cidade de Buriti  
Dos Lopes – PI (1966-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
banca examinadora da Universidade Estadual do  
Piauí, como exigência parcial para a conclusão do  
curso de Licenciatura Plena em História.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

---

---

Dedicada especialmente à minha mãe Francisca, ao meu pai, “Seu Bebê”, aos meus irmãos: Carlos, Filho, Patrícia, Lucélia, Raimundinha e Antônio José, *in memoriam*, à minha estimada esposa Rejane e ao meu filho Gustavo.

## AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa não seria possível sem a ajuda de muitas pessoas, por isso nesse momento quero agradecer às pessoas que foram importantes na concretização dessa pesquisa, já pedindo desculpa àqueles que sentiram seus nomes ausentes.

Em especial ao grande parceiro André Aguiar que me orientou com muita sutileza e paciência, durante um ano e meio, nessa jornada. Desde o início atencioso e sempre preocupado com o andamento dessa pesquisa.

Agradecer ao corpo docente e funcionários da Universidade Estadual do Piauí, em especial aos professores que foram importantes para o meu amadurecimento como pessoa e para minha formação: Roberto Kenedy, Idelmar Cavalcante, Edson Holanda, Leandro, Jaqueline Feitosa, Quixaba, Ivanilda, Dalva Fontenele e Inegla.

Não poderia esquecer da querida e estimada professora Marta Rovai pelas suas aulas empolgantes e motivadoras que lembrarei por toda a minha vida, pois a memória escolhe momentos marcantes para serem lembrados.

Obrigado a todos os professores do ensino básico, guerreiros que apesar de todas as contradições da educação do sistema escolar, ainda existem muitos que se dedicam à sua profissão com amor. Por isso não poderia deixar de esquecer aulas de história do ensino fundamental, da Tia Rosa e no ensino médio dos professores: Marcelo, Euvêncio Val, Gessiana e Fernando Liberato.

Aos meus amigos de sala: Fabiano Sousa, Fábio Pablo, Bruno Santana, Cristiane Brito, Feliciano, Pedro Vagner, Laila Daniela, Thiara, Josemar Nascimento, John Kennady, Vitor Gabriel, Wendrio, Naira, Rogério, Jefferson, Gustavo, Juliana e Ériton Luis.

Dois grandes amigos do curso e conterrâneos, Suzana e João Vitor, não sairão das minhas lembranças, pois o que vivemos juntos foi muito forte. Sabemos o quanto era difícil chegar à Universidade todos os dias. Foram muitas as caronas nos três primeiros anos do curso e muitas as situações inusitadas pelas quais passamos. A BR 343, brincávamos, já estava nos abusando.

Aos meus grandes parceiros e cunhados Márcio Santos e Fernando Liberato, muitas cervejas ainda virão!

Agradeço aos meus amigos, Francivan Amaral, Jairo, Dário e Edmar.

Não poderia deixar de agradecer à minha família que foi a base de tudo o que sou hoje. Mamãe e Papai muito obrigado!

À minha esposa, Rejane, que está sempre ao meu lado apoiando e opinando nas difíceis decisões da vida. Te amo!

À minha sogra e meu sogrão, Dona Júlia e Benedito Soares.

Ao meu filho Gustavo, que trouxe o maravilhoso sentimento de amor paterno ao até então garotão que eu era quando você veio ao mundo. Papai ama muito você.

Esta pesquisa não seria possível sem a colaboração dos entrevistados que se dispuseram abrir as portas de suas casas para conversarmos. Muito obrigado!

Em especial a todos os cidadãos buritienses que amam esta cidade e sonham por dias melhores, afinal o que somos sem a utopia. Este trabalho é para vocês!

*“A história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado para e pela sociedade, em algum momento, em algum lugar. Desses elementos, o historiador constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico. Este fato evidente se apresenta bastante distinto do que foi vivido, em outras histórias já produzidas.” (MONTENEGRO, 1992).*

*“A nossa festa nunca foi reconhecida! Naquela época não era reconhecida porque diziam que era a festa do ‘bagaço’... né? Mas nós considerávamos como a festa legítima! Porque era nós quem organizávamos! Nós que produzíamos! Era os agricultores que faziam essa festa!!!” (Nenem Calixto).*

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo analisar as memórias e as sociabilidades nos clubes de festas da cidade de Buriti dos Lopes. Pirangi Clube e Fumacê Clube foram espaços de lazer que tiveram suas atividades iniciadas na década de 1960. E que, pelo menos até 1990, receberam homens e mulheres de grupos sociais distintos que buscavam momentos de lazer e diversão. Cada um desses Clubes possuía particularidades em relação ao público, sociabilidades e estrutura física. Apesar de espaços vinculados ao lazer, também constituíram relações de resistência e conflitos, proporcionavam aos trabalhadores diversas alternativas de fugas ao fadigante mundo do trabalho. Esse aspecto da resistência à sociedade do trabalho pode ser observado na manutenção e reinvenção de tradições, como as “festas do arroz”, que ocorriam de modo diferenciado nos dois espaços. Nesta pesquisa foram utilizados, principalmente, os procedimentos da História Oral. Todavia, foi possível o cruzamento da oralidade com outras fontes disponíveis como jornais, atas de reuniões, músicas populares, cordéis, entre outras. As sociabilidades criadas nesses espaços são importantes para o entendimento da cultura e da sociedade de Buriti dos Lopes e do Piauí.

**PALAVRAS-CHAVE: Clube, Memória, Sociabilidade e Cidade.**

## **ABSTRACT**

The following work has like objective to analyze the memories and sociability in party clubs in Buriti dos Lopes. Pirangi Club and Fumacê Club were places of leisure that had their activities in decades of 1960, at least until 1990 received men and women from different social groups that search for moments of leisure and fun. Each one of these Clubs had particularities in relation to the public, projects and physical structure. Despite the places linked to the leisure, they also created relation of resistance and conflicts, afforded to the workers many alternatives of break to fatiguing world of work. This aspect of resistance to society of the work can be observed in the maintenance and reinvention of traditions, such as “Festa do Arroz”( Party of Rice), that occurred in a different way in each club. In this research the procedures were used, principally, from the Oral History. However, it was possible the crossing of the oral with other source available such as journals, record of reunions, popular music, twines and others. The sociability created in these places is important to understand the culture and the society from Buriti dos Lopes and of Piauí.

**KEY-WORDS: Club, Memory, Sociability and City.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa - Piauí / Buriti dos Lopes / Cidades Limites .....	20
Figura 2: Pedra do Letreiro .....	23
Figura 3: A produção de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes.....	26
Figura 4: Rio Pirangi antes e depois do rompimento da barragem dos Algodões .....	34
Figura 5: Localização do Pirangi Clube .....	38
Figura 6: Parte Interna do Pirangi Clube .....	40
Figura 7: Localização do Fumacê Clube .....	47
Figura 8: Escravos do Samba no Fumacê Clube: 1990.....	49
Figura 9: Festa do Arroz no Fumacê Clube na década de 1980.....	54

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABACC** – Academia Buritiense de Antes, Ciência e Cultural - Arnaldo Escórcio Atahyde.

**ADECPROLAB** – Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Produtores da Comunidade da Lagoa de Buriti.

**APEPI** – Arquivo Público do Estado do Piauí - Casa Anísio Brito.

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1: A CIDADE DE BURITI DOS LOPES E O LAZER.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 A cidade de Buriti dos Lopes e as disputas por memórias.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 A Lagoa Grande de Buriti dos Lopes e as lutas pelas terras .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 2: CLUBE DOS “RICOS”: PIRANGI CLUBE.....</b>	<b>33</b>
<b>2.1 Pirangi Clube: Símbolo de distinção social .....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 As Festas da “primeira” e as festas da “segunda” .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO 3: CLUBE DOS TRABALHADORES: FUMACÊ CLUBE .....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 “Na palhoça do Fumacê” .....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 “A Festa do Bagaço” .....</b>	<b>50</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>56</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>57</b>
<b>LINKS CONSULTADOS .....</b>	<b>62</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa a minha experiência cotidiana foi fundamental na escolha do tema abordado. A vontade de estudar aspectos da cultura de Buriti dos Lopes surgiu antes da necessidade acadêmica, relacionada com minha entrada na Universidade Estadual do Piauí em 2010. Há muito tempo mantenho uma relação de amor e ódio com a cidade de Buriti dos Lopes, município com pouco menos de 20.000 habitantes localizada no norte do Piauí.

O sentimento de pertencimento ao lugar onde nasci e minha experiência enquanto adolescente nos espaços festeiros levaram-me a pensar o quanto as festas e clubes são espaços de sociabilidades, intercâmbio de ideias e confraternizações. Lugar de memória e afetividade. A História desenvolvida nesse trabalho parte de problemáticas do presente.

No contato com esses espaços percebi também as relações de conflitos. Perguntava-me, por exemplo, o porquê das pessoas brigarem no momento dedicado ao festejar. Percebia também que nesses espaços existiam zonas segregadoras delimitadas para cada grupo social ou clubes de festa diferenciados.

Essa pesquisa também surgiu de entrevistas gravadas e conversas informais com pessoas idosas da cidade que falavam das histórias do Pirangi Clube e do Fumacê Clube. Desde minha infância ouvia dizer que existiam festas da “primeira” e festas da “segunda”, apontando contradições locais. Quando veio a oportunidade de investigar como pesquisador essas conversas, abracei a causa com muito afeto e ética. No diálogo com meus pais, eles diziam com saudosismo que “as festas de antigamente eram melhores que as de hoje”. Nesse sentido a própria história de vida familiar me conduziu ao tema. Problematizo a partir da minha experiência pessoal os lugares de memória da cidade.

A cultura aqui ganha destaque. Através das festas, dos clubes e dos trabalhadores. No lazer também são manifestados modalidades de conflitos e resistências. Percorremos os rastros deixados nas memórias de homens e mulheres desde a fundação dos clubes Pirangi Clube e Fumacê Clube, respectivamente 1966 e 1970, até o final da década de 1980, momento em que os trabalhadores rurais deixaram de fazer a festa do “bagaço” no Fumacê Clube. Analisar as vivências dessas pessoas nos clubes foi importante, assim como perceber o significado que davam aos momentos de lazer.

As questões levantadas levaram-me inevitavelmente a ouvir as experiências de homens e mulheres que frequentaram o Pirangi Clube e o Fumacê Clube, envolvidas na produção dos eventos/festas, na organização e na celebração das festas.

No primeiro momento a busca pela fonte oral fez-se pela falta de outras fontes, principalmente a escrita, uma vez que tinha a ingênua percepção da hierarquização das fontes. A partir disso comecei a fazer as primeiras entrevistas e ler autores, como Michael Pollak, Maurice Halbwachs, Alessandro Portelli, Verena Alberti e outros que analisam a fonte oral relacionado a oralidade e memória.

Maurice Halbwachs foi importante para a percepção, nas falas dos sujeitos que participaram dos momentos de lazer nos clubes, da sutileza no ato de lembrar, relembrar e esquecer. A sua contribuição foi perceber que o ato de lembrar se tratava não somente de um fenômeno biológico, mas também social. Na década de 1930, esse autor, já apontava para o caráter coletivo do ato de lembrar, a memória de um indivíduo está sempre conectada a grupos e ao coletivo: “a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva”<sup>1</sup>, e o que preserva essa memória é a própria existência de tais membros ou mesmo dos locais em que os fatos aconteceram, garantindo uma coesão do grupo e o sentimento de pertencimento entre seus membros.

Michael Pollak contribui para essa visão coletiva da memória, mas acrescenta que esse ato de lembrar e esquecer, não se faz apenas pela estrutura de existência do grupo, sendo também aliado com o presente, com o momento político, econômico e cultural que o sujeito vive. Esse autor apresenta o conceito de “enquadramento de memória”, importante para percebermos que a memória vai se estruturando de acordo com o que o sujeito é hoje. Nesse sentido, a memória é uma construção, consciente ou inconsciente, e muitas lembranças que afetariam a identidade do grupo no presente são deixadas de lado: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”<sup>2</sup>.

Essas leituras foram importantes para a compreensão de que a memória não é estática, mas sim dinâmica. Dessa forma o ato de “lembrar” do passado não é uma ação natural e simplesmente biológica, mas um processo inacabado que somente cessa quando o homem deixa de ter vida. Durante o texto que se segue nos capítulos, utilizei o verbo lembrar, porém adianto ao leitor que esse lembrar é sempre uma reconstrução do passado, intrinsecamente envolvido como o momento da lembrança. Febvre ao comentar sobre a parcialidade do sujeito que lembra, afirma que: “Ele não conserva o passado na memória,

---

<sup>1</sup>. CARVALHO, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**. Revista Espaço Acadêmico – Nº 56 – Janeiro/2006 – Mensal – ISSN 1519.61. p. 1

<sup>2</sup>. POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol, 5, n. 10, 1992, p.200-212. p. 204.

como os gelos do Norte conservam frigorificados os mamutes milenários. Parte do presente – e é sempre através dele que conhece, que interpreta o passado”.<sup>3</sup>

Ao manter uma relação dialética com fontes, teoria e historiografia, fui percebendo a importância dos aspectos factuais e narrativos das fontes orais. Fazendo um criterioso trabalho de críticas às fontes, que, aliás, é fundamental no tecer das narrativas historiográficas. Verena Alberti, a respeito das fontes orais, salienta que todo um cuidado específico que o historiador deve ter, “deve-se levar em conta as relações de entrevista, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes (inclusive entrevistas)”<sup>4</sup>.

Foi revelador perceber como os trabalhadores da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes inventaram e reinventaram suas formas de comemorar o final do ciclo da produção de arroz. Havia duas *festas do arroz*, cada uma com significados, públicos e espaços diferentes. Isso não se encontrava em nenhum registro escrito. Esses fatos permanecem fortes na memória dos grupos que participaram dessas festas, se repetindo na fala de vários entrevistados. Durante a pesquisa, principalmente no contato com as fontes orais, percebi que havia uma distinção explícita entre os clubes, entre o clube da “elite” e o clube do “povão”, essa tensão também foi evidenciada na própria arquitetura dos dois clubes.

Dessa maneira, esse trabalho tem um intuito político de contribuir para que trabalhadores rurais e grupos populares, renegados da historiografia ou vistos pela ótica da opressão, sejam vistos como sujeitos históricos, protagonistas que tiveram papel significativo nos processos sociais da cidade de Buriti dos Lopes. É nesse sentido que a cultura dos mesmos é posta em evidência. Seus desejos, conflitos, lutas e sua própria história de vida foram importantes para a construção deste trabalho. Por fim, surgiu ainda o desejo de contribuir para a historiografia da cidade, onde a carência de obras alternativas à história política é sentida.

O texto está estruturado em três capítulos, organizados a partir de músicas populares, cordéis, imagens, jornais e fontes orais. Durante a pesquisa a maior façanha foi aprender com os entrevistados a habilidade de ouvir, que foi sendo a cada entrevista mais aguçada. Como diz Portelli, ouvir é uma arte: “Nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa

---

<sup>3</sup>. FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 25.

<sup>4</sup>. ALBERTI, Verena. **Ouvir contar textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 10.

experiência”<sup>5</sup>. Cada entrevistado dessa pesquisa representou, acima de tudo, um aprendizado novo.

Foram importantes também os jornais, O Buriti e o Estado. O Primeiro editado durante o ano de 1989 na própria cidade, por Rubens Freitas. Foram analisadas aqui as edições de janeiro a outubro do ano de 1989. Esses foram os que tive acesso depois de disponibilizados pela Universidade Aberta do Piauí, polo de Buriti dos Lopes.

Difícilmente personagens populares aparecem nas edições desses jornais, que se dedicam a relatar as ações do governo, de seus membros e das famílias “ilustres” da cidade, casamentos, aniversários etc. Ganham destaque na leitura, as notícias que relatavam os eventos culturais e de lazer que foram promovidos durante o ano de 1989, como também os eventos e acontecimentos que se davam dentro do espaço do Pirangi Clube e do Fumacê Clube. O segundo Jornal utilizado, *O Estado*, editado na capital Teresina, foram encontrados no APEPI.

No primeiro capítulo: “*A cidade de Buriti dos Lopes e o lazer*”, há uma pequena discursão de como a historiografia conceitua a própria cidade, afinal os sujeitos históricos desse trabalho vivem em uma cidade. Logo em seguida Buriti dos Lopes é apresentada em seus aspectos geográficos, econômicos, culturais, ao mesmo tempo em que, mesmo não sendo o objetivo central dessa pesquisa, problematizei a memória oficial trazido pela historiografia e por livros de autores buritienses.

Ainda nesse capítulo, aparecem as transformações econômicas e culturais pelas quais passou a cidade na segunda metade do século XX. A chegada da cultura do arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes foi fundamental para essa transformação. Momento esse que é caracterizado pelo aparecimento de uma elite agrária, que procurava impor uma separação também nos espaços de lazer. Em contrapartida os agricultores logo iniciam as resistências, principalmente com a criação da Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Produtores da Lagoa do Buriti (ADECPROLAB).

No segundo capítulo, “*Clube dos ‘Ricos’: Pirangi Clube*”, a análise recai sobre o Pirangi Clube, espaço destinado à sociabilidade de um grupo específico. Construído em 1966 com interesses de promover reuniões, festas e a prática de esportes, como um lugar “aprazível e agradável”<sup>6</sup> para os sócios. Esse clube simbolizava o momento que a cidade de Buriti dos Lopes vivia. O Estatuto do clube estabelece as regras, quem poderia ser sócio e quem poderia

---

<sup>5</sup>. PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História, São Paulo, (15), abril de 1997. p. 17.

<sup>6</sup>. Estatuto do Pirangi Clube. Cartório Thomaz Romão. Buriti dos Lopes-PI, 09/01/1966. p 1-2.

frequentar o espaço. Para os agricultores esse espaço foi palco de segregação, pois era destinado a elite. Mesmo na reconstrução das vivências, compartilhadas durante as entrevistas, percebia estratégias de resistência a esse espaço.

Por fim, no último capítulo: “*Clube dos trabalhadores: Fumacê Clube*”, aparecem as trajetórias de alguns agricultores associados à ADECPROLAB e de alguns componentes do grupo Escravos do Samba que mantiveram relação com o Fumacê Clube. Eles participaram de forma efetiva na realização da festa, organizando e também tocando. A experiência da organização e do momento da festa do arroz nesse espaço mostrou que, para além de momentos de lazer, dava-se um sentido político e de conflitos sociais em relação à festa do arroz no Pirangi Clube. Esses clubes revelam, portanto, diferentes modos de apropriação da memória local, empreendidos por sujeitos sociais diversos.

## CAPÍTULO 1

### 1. A CIDADE DE BURITI DOS LOPES E O LAZER

*“Viva a nossa Lagôa  
Viva a Nossa Plantação  
Viva os Remos Da Canoa  
Representando a Lagôa  
com sua tripulação!”<sup>7</sup>*

*“Senhores eu vou falar  
da Lagôa de Buriti  
A mãe das pessoas pobres  
que são residente aqui  
nesta pequena cidade  
no norte do Piauí!”<sup>8</sup>*

O ser humano é um animal social. E, ao longo de sua história em sociedade, inventou lugares e deu significados a eles. Foi assim com as cidades. A cidade antiga foi uma evolução de agrupamentos familiares, aldeias, até a comunidade perfeita, a *Pólis*, lugar onde as ideias circulam com maior força: “o ser político nasce da cidade e o espaço urbano é imprescindível para o seu desenvolvimento”<sup>9</sup>. Marx Weber define a cidade como: “um aglomerado humano caracterizado por trocas comerciais regulares, capazes de promover o sustento de seus habitantes”<sup>10</sup>. Para esse historiador o surgimento ou desaparecimento das cidades está ligado a fatores econômicos.

Lucival Silva aponta que a cidade de Buriti dos Lopes teve um salto em relação a sua urbanização e crescimento populacional, a partir da implantação da cultura do arroz, por volta da década de 1950. Recebendo um número significativo de imigrantes maranhenses e cearenses:

“Com a ascensão do arroz logo aparecem gente vinda de vários locais principalmente do Maranhão e Ceará causando certo inchaço na cidade de Buriti dos Lopes, que por sua vez a exemplos de muitas outras cidades do

<sup>7</sup>. Hino da ADECPROLAB. Autoria de Francisco Carvalho Nunes.

<sup>8</sup>. NUNES. Francisco Carvalho. **História da Lagoa de Buriti do Buriti: A mãe da Pobreza**. Buriti dos Lopes: 1986.

<sup>9</sup>. RAMINELLI, Ronald. **Domínios da História: História Urbana**. p. 176.

<sup>10</sup>. *Op. Cit.* RAMINELLI. **História Urbana** p. 177.

estado não tinha infraestrutura para abrigar essa inesperada migração vinda dos estados vizinhos.”<sup>11</sup>

Nesta pesquisa o autor analisou como a economia do arroz trouxe significativas mudanças no cenário urbano. A chegada de imigrantes durante esse período intensifica-se. Muitas dessas famílias vindas de municípios vizinhos e até mesmo de outros estados, como Ceará e Maranhão, viam o campo como uma fonte de sobrevivência.

A economia é importante para entendermos as relações humanas que se dão dentro da cidade, porém, não se pode reduzi-las às trocas comerciais e exploração econômica. O homem também é um animal cultural, esta pesquisa vem acrescentar a análise de Lucival Silva sobre a cidade de Buriti dos Lopes, apontando que a cidade transborda aos aspectos econômicos. A vida cotidiana na cidade é muito mais complexa do que as trocas comerciais:

“A cidade, por conseguinte, reúne detalhes preciosos sobre o real, não sendo apenas um aglomerado onde pessoas fazem trocas comerciais, como defendeu Weber. A cidade é um fato cultural, um caldeirão de impressões, de sentimentos, de desejos e de frustrações.”<sup>12</sup>

Se nas cidades as trocas são complexas e constantes, as relações entre homens e mulheres que se divertiam, comemoravam, dançavam e festejavam também eram. O historiador Le Goff aponta essa característica para as cidades medievais: “Mas a cidade concentra também os prazeres, os da festa, os dos diálogos na rua, nas tabernas, nas escolas, nas igrejas e mesmo em cemitérios.”<sup>13</sup>

As cidades no Brasil no início do século XX passaram por diversas reformas. Na capital, Rio de Janeiro, foi destaque a reforma urbana por qual passava e pela politização do espaço público. O modelo de modernização dessa cidade procurava imitar as cidades europeias, principalmente Paris. A intenção era modernizar a “velha” *urbe* colonial, tanto em aspectos arquitetônicos como na mentalidade das populações pobres da cidade. Trazendo às “luzes” para seres “bestializados”<sup>14</sup>.

O estado do Piauí possui peculiaridades em relação às cidades do início da República no Brasil. São características dessas cidades piauienses a sua ruralização, o urbano

<sup>11</sup>. SILVA. Lucival dos Santos. **As Mudanças econômicas ocorridas em Buriti dos Lopes com o fim do cultivo do algodão e o início do cultivo do arroz**. INTA-FID: Parnaíba, 2012. p. 24.

<sup>12</sup>. *Op. Cit.* RAMINELLI, Ronald. p. 184.

<sup>13</sup>. LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conservações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmelino Correa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 25.

<sup>14</sup>. **Conferir**: CARVALHO. José Murilo. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

aqui convive com o rural. Marylu Alves de Oliveira em sua pesquisa sobre o processo de modernização da cidade de Teresina, por exemplo, afirma:

“O Piauí possuía uma população predominantemente rural, cerca de 85% da população do Estado. A partir da década de 1950 houve um aumento na procura pelos núcleos urbanos, sendo que, a partir da década de 1960, pessoas de várias partes, de dentro e fora do Estado, na década de 1950, era de 51.418, passando para 98.329, na década de 1960.”<sup>15</sup>

Não é contraditório falar em cidade rural, por muito tempo na história das cidades esses dois aspectos estavam unidos. As cidades medievais tinham essa peculiaridade. Uma pessoa que vivia em uma cidade da Idade Média não fazia distinção entre o mundo rural e o urbano. Essa distância era quase inexistente:

“A ‘desruralização’ da cidade é um fenômeno do século XIX. Até o século XIX, persiste uma certa atividade rural nas cidades, e ela é sempre suscetível de ser retomada em caso de necessidade. [...] a cidade, portanto, pode ser penetrada pelo campo; na seria pertinente definir, a este respeito, uma separação absoluta.”<sup>16</sup>

Buriti dos Lopes convive com o rural no seu cotidiano. Sua lagoa faz parte das relações que homens e mulheres mantêm há décadas. Essa relação, com o lugar e com a natureza, irá se intensificar consideravelmente a partir década de 1950 quando a cultura do arroz substituiu a do algodão. Essa pesquisa procura indagar sobre as sociabilidades proporcionadas a partir da consolidação da produção do arroz, o impacto na história do município, a experiência social dos agricultores/trabalhadores e como essas vivências são reelaboradas pela memória local.

### **1.1 A cidade de Buriti dos Lopes e as disputas por memórias**

Buriti dos Lopes localiza-se na região Norte do estado do Piauí, na microrregião litorânea do estado, distante 330 quilômetros da Capital Teresina e 33 quilômetros de Parnaíba. Liga-se à Teresina e ao litoral piauiense pela BR-343, em frente à praça Nossa

---

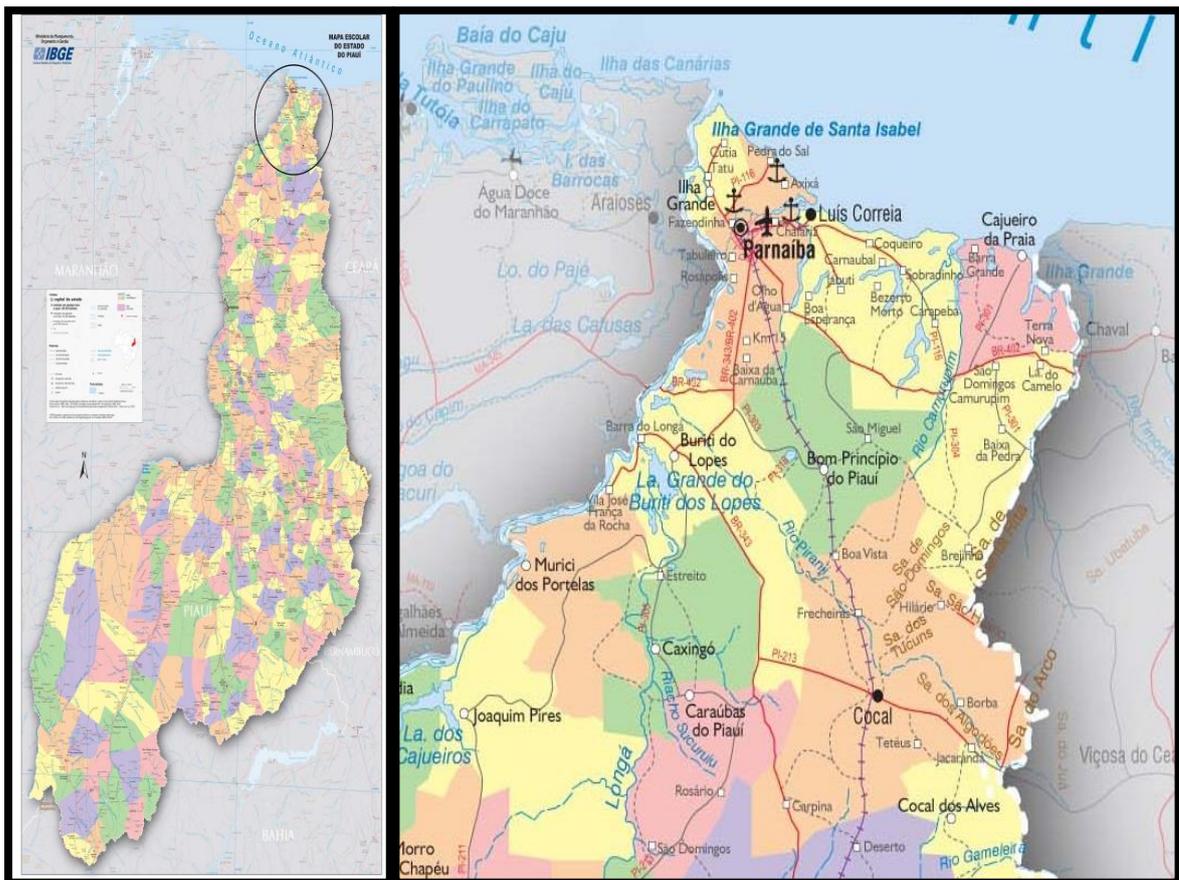
<sup>15</sup>. OLIVEIRA, Marylu Alves. **Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo: O processo de modernização e intervenção do Estado Autoritário**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005. p. 3.

<sup>16</sup>. *Op. Cit.* LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: UNESP: 2000. p. 33.

Senhora dos Remédios. É atualmente a 27ª mais populosa do Piauí, possuindo 19.352 habitantes.

O município tem uma cobertura vegetal composta pelo cerrado, pela caatinga e pelas matas mais densas no leito dos rios, conhecidos como matas ciliares. Esses biomas característicos da região nordeste, apresentam aspecto de pouca densidade, com árvores de pequeno porte, troncos tortos, galhos baixos e retorcidos, com folhas grandes e grossas e raízes profundas.

Buriti dos Lopes é uma cidade de clima quente com média de temperatura de 30 °C durante boa parte do ano, sendo os meses de novembro a maio os mais chuvosos. Apesar desse caráter quente, a proximidade com o litoral lhe atribui uma ventilação constante. Esse aspecto de período chuvoso e seco bem delimitado favorece o conhecimento por parte dos agricultores dos ciclos naturais de cheias e secas da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, que fornece seu maior produto econômico há décadas: o arroz.



**Figura 1: Mapas Piauí / Buriti dos Lopes / Cidades Limites.**

A cidade possui atualmente uma área de 691, 178 Km<sup>2</sup> e faz divisa com o Estado do Maranhão tendo como limite o Rio Longá e com as seguintes cidades: Parnaíba, Caxingó, Murici dos Portelas e Bom Princípio do Piauí.

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Acessado em 24 de Março de 2014.

Há livros que tratam sobre o povoamento da cidade, mas que se aproximam dos relatos orais do cotidiano. São dois livros de memorialistas buritienses, *Formação de Buriti dos Lopes*, de 1985, e *Buriti dos Lopes*, de 2000. O primeiro é de Raimundo Nonato da Silva, conhecido poeta e escritor da cidade, que foi o primeiro a escrever uma obra literária sobre Buriti dos Lopes. O último é o da professora aposentada, Francisca das Chagas Sousa, conhecida como Chica Belina. Os dois partem de um mesmo princípio para o povoamento e fundação da cidade, sendo a chegada do português Francisco Lopes, o ponto fundamental para início da povoação: “Francisco Lopes foi o pioneiro, que descendo rio abaixo penetrou nas matas e aqui chegou”<sup>17</sup>.

Nessa passagem, o português teria sido o primeiro morador dessa região, tendo permanecido no riacho Buriti – hoje agonizante – e montado uma grande fazenda de gado à qual deu o nome de Buriti, devido aos buritizais que fazem parte da paisagem natural da cidade. O segundo nome, Lopes, foi em homenagem ao “primeiro” morador da região:

“A atual Cidade de Buriti dos Lopes foi fundada há mais de 200 anos, pelo português Francisco Lopes, o primeiro habitante que se estabeleceu às margens do riacho Buriti, nome dado em virtude dos buritizais ali existentes. O topônimo resultou da associação do nome do riacho, com o sobrenome do fundador.”<sup>18</sup>

Esses dois autores, no entanto, deixam de abordar em seus livros personagens como o índio e o escravo, que tiveram participação ativa na construção da cultura da gente brasileira e buritiense. Como nos alerta Marc Bloch em seu livro *Apologia da História*, “compreender” seria a palavra chave que ilumina o trabalho do historiador. Compreender implica entender que os autores não tiveram formação de historiador. Não analisaram questões centrais para a construção de uma História problema que leve em consideração os diferentes sujeitos. Porém, como o mesmo autor esclarece mais a frente em seu texto: “Compreender, no entanto, nada tem de uma atitude de passividade”<sup>19</sup>.

É de salientar que esses relatos fazem parte de um trabalho organizado como forma de manutenção da memória oficial. Michael Pollak aponta que as memórias são enquadradas de acordo como o presente e com o grupo. Com o objetivo claro de forjar um sentimento de identidade, nesse caso específico de uma identidade buritiense, com heranças no colonizador português.

---

<sup>17</sup>. SOUZA. Francisca das Chagas. **Buriti dos Lopes**. Buriti dos Lopes: 2000. p. 29.

<sup>18</sup>. SILVA. Raimundo Nonato. **Formação de Buriti dos Lopes**. Buriti dos Lopes: 1995. p. 5.

<sup>19</sup>. BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001. p. 55.

Esse conceito, de *enquadramento da memória*, apresentado por Michael Pollak, ajuda a compreender as permanências de explicações que elegem o colonizador português como o fundador e descobridor do Brasil e conseqüentemente das regiões que eram conhecidas pelos colonizadores como o sertão de dentro. Segundo Pollak:

“Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”<sup>20</sup>

Pollak nos apresenta um dos conceitos que utiliza nesse trabalho ao problematizarmos as histórias de vida e os grupos que participaram e vivenciaram experiências de lazer nos Clubes buritienses. Nesse sentido, a memória, escrita ou falada, é aqui trabalhada para além de um mero ato biológico de lembrar e esquecer. O sociólogo Halbwachs em seus estudos na década de 1930, já apontava para o caráter coletivo da memória, lembrar e relembrar para esse autor constitui uma construção coletiva realizada por estímulos de pertencimento a um grupo.

A cidade oficialmente tem 80 anos, com data oficial de comemoração no 4 de setembro, quando se comemoram as festividades cívicas. Porém, emergiu nos últimos anos na cidade de Buriti dos Lopes, um grupo, membros da Academia Buritiense de Artes, Ciências e Cultura – ABACC, que tenta, junto aos órgãos oficiais, uma mudança da data oficial para o 2 de Agosto. Nessa última data em 1890, Buriti dos Lopes ganhava titulação de cidade, o que foi revogado em 1931, sendo anexada novamente à Parnaíba. Em 4 de setembro de 1933 Buriti dos Lopes restaura sua autonomia política, sendo essa última a data reconhecida oficialmente.<sup>21</sup>

Os embates pelas datas oficiais da cidade mostram como a memória é alvo de conflitos entre grupos, nesse caso específico de memórias oficiais, determinado pelos interesses de grupos políticos: “a memória organizadíssima, que é a memória nacional,

<sup>20</sup>. POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212. p. 205.

<sup>21</sup>. O nome de Buriti dos Lopes conservou-se até 27.06.1907, quando a Lei estadual nº 428 mudou-o para Vila do Baixo Longá, voltando ao mesmo nome por força da Lei nº 641 de 13.07.1911. O povoado foi elevado à categoria de Vila pela Resolução nº 15 de 02.08.1890. Por decreto número nº 1279 de 26.06.1931 foi extinto o município ficando seu território anexado ao de Parnaíba até 04.09.1933 quando o Decreto nº 1478 restaurou sua autonomia administrativa. Foi elevado à categoria de cidade pelo Decreto Estadual nº 147 de 31.12.1938 conseqüente do Decreto Federal nº 311 de 02.03.1938 que deu normas gerais sobre a nova organização do país.

constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo.”<sup>22</sup>

Surge por parte dos membros da Academia Buritiense a necessidade de rever a data oficial de comemoração da emancipação política da cidade, surge também a faceta da memória como alvo de disputa no presente. Michael Pollak revela que a memória oficial, assim como outras memórias, de grupos ou de indivíduos, está intrinsecamente relacionado com o momento que é lembrado.

Ao inverso dos livros dos memorialistas buritienses, há indícios que comprovam a habitação de nativos nessa região que remontam à idade da pedra lascada. Várias pinturas rupestres são vistas em paredes rochosas como embaixo da ponte do Rio Pirangi, localizado a 7 quilômetros do centro da cidade e na Pedra do Letreiro, que fica a 3 quilômetros do centro da cidade. As pinturas são riquíssimas em suas formas variadas. O homem pré-histórico pintou seu cotidiano, vários animais da fauna local são retratados nessas pinturas. Pela ação do homem, não vemos mais esses animais na natureza. Essas pinturas poderiam ser usadas como estratégias para o poder público explorar o turismo ecológico na cidade, atraindo turistas de diversos locais.

Infelizmente esse patrimônio permanece abandonado pelo poder público, além de sofrer com depredações de visitantes ou mesmo estudantes que não são orientados de forma correta, desconhecendo o valor histórico das pinturas, fazendo riscos com carvão ou mesmo tintas industriais ao lado das pinturas rupestres.



**Figura 2:** Pedra do Letreiro. Distante 3 km do centro da cidade. Uma grande pedra, aproximadamente 15 metros de altura, em formato de concha. As pinturas são concentradas na em frente ao caminho de acesso que se dá somente a pé.

**Fonte:** Arquivo Pessoal. 2012

---

<sup>22</sup>. *Op. Cit.* POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** p. 204.

E isso tem uma causa fácil de entender, os cidadãos não conhecem o valor histórico desse Patrimônio. Dessa maneira, não desenvolveram o sentimento de preservação, afinal só preservamos o que achamos que é importante para nossas vidas. Porém, se o poder público é omissivo a essa riqueza de pinturas, cabe à iniciativa de grupos de professores, principalmente dos professores de história, e à Academia Buritiense de Artes, Ciência e Cultura, informar essa riqueza ao IPHAN e outros órgãos ou mesmo promover campanhas de conscientização nas escolas.

Os índios Tremembés habitavam toda região a Norte do Piauí quando da chegada dos europeus e de seus descendentes. Estima-se que 10.000 anos antes dos invasores europeus esses índios já permaneciam por essa região, descendentes de tribos da região Amazônia, falavam um dialeto derivado do tupi-guarani. Apesar de constituírem um dialeto e de apresentarem características físicas próximas, os costumes eram diversos, de acordo com a habitação e o lugar de cada grupo<sup>23</sup>.

Considerar a presença de grupos indígenas antes da chegada de qualquer colonizador é de fundamental importância para que esses homens e mulheres não sejam esquecidos e que o grande massacre que ocorreu com os indígenas durante séculos seja lembrado. Negligenciar a presença dos indígenas na formação do povo brasileiro e os rastros deixados aqui em Buriti dos Lopes é reproduzir a lógica de uma história única e a versão do vencedor. O que traz sérios problemas para o presente, quando vemos os grupos indígenas lutarem pelo reconhecimento e pela defesa de suas terras. É o que destaca Maria Claudete Dias:

“O chamado ‘povoamento do Piauí’ pelo colonizador branco representou também o despovoamento de sua população nativa; com o final da guerra da colonização, o Piauí estava despovoado de nativo. No lugar deles formou-se uma outra população, exógena, livre e escrava constituída por uma mistura do nativo, do negro e do branco colonizador, os elementos étnicos predominantes na sociedade brasileira: a estratificação nativa é substituída pela colonial escravista.”<sup>24</sup>

Nessa perspectiva, ao mesmo tempo da chegada do colonizador português, tínhamos em paralelo um processo de destruição de um povo que há milhares de anos permanecia nas terras onde hoje conhecemos como Piauí. A região onde hoje é Buriti dos

---

<sup>23</sup>. Sobre as características dos índios que habitavam os territórios onde hoje está localizado Buriti dos Lopes ver: MAVIGNIER, Diderot dos Santos. **No Piauí, na terra dos Tremembés**. Parnaíba: Sieart, 2005.

<sup>24</sup>. DIAS, Maria Claudete. Maria Miranda Dias. **Povoamento e despovoamento: da Pré-história à sociedade escravista colonial**. FUMDHAMentos VII. 2009. p. 5.

Lopes está inserido nesse contexto de desapropriação de terras para a montagem das fazendas de gado, que serão a base da economia colonial.

## 1.2 A Lagoa Grande de Buriti dos Lopes e as lutas pelas terras

**“Senhores eu vou falar da lagoa do Buriti,  
a mãe das pessoas pobres que são residente aqui,  
nessa pequena cidade no Norte do Piauí...”<sup>25</sup>**

Buriti dos Lopes possui a segunda maior lagoa do estado, a Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, situada a 2 km do centro da cidade. Com 35 km de circunferência e 40 milhões de m<sup>3</sup><sup>26</sup>. Ao longo de décadas, a Lagoa é responsável pela agricultura de subsistência de moradores do município e se destacando pela produção do algodão antes da chegada da cultura do arroz, na década de 1950. Lucival Silva aborda como a cultura do arroz, inserida na década de 1950, trouxe mudanças significativas para crescimento da cidade:

“No início da década de 1950 não se tinha ideia da importância que o arroz teria na cidade de Buriti dos Lopes, sendo apenas para preencher um espaço livre nas terras do senhor Bezim Val com o passar de poucos anos veio a se tornar o *principal* produto de exportação da região e fazendo surgir uma nova imagem na cidade, a de *prosperidade*.”<sup>27</sup>

Jornais de circulação da capital evidenciam o quanto a lagoa era importante para muitas famílias “*residentes aqui*”. Essas fontes históricas ao mesmo tempo em que ressaltam a cidade como um dos maiores pólos produtores de arroz no Estado, deixam brechas sobre o cotidiano e a vida de muitas famílias afetadas pelas catástrofes naturais que os atingiam. A principal notícia do Jornal *O Dia*, de 15 de fevereiro de 1974 com o título “*Chuva e Miséria em Buriti dos Lopes*”, em um trecho destaca:

“Muitos desses lavradores que vivem exclusivamente do arroz plantado nas margens da lagoa vivem em desespero pelas dívidas assumidas, esperando pagá-las com a sua safra de arroz que infelizmente não chegou a ser colhida. As águas do Parnaíba começaram a invadir a área plantada produzindo a catástrofe que deixou os dois mil colonos numa situação de miséria, quando estimativas eram que nesse ano de 74 a lagoa produziria mais que nos anos anteriores.”<sup>28</sup>

<sup>25</sup>. NUNES, Francisco Carvalho. **História da Lagoa do Buriti: Mãe da pobreza**. Buriti dos Lopes. 1986. p. 02.

<sup>26</sup>. A maior lagoa do Estado é de Paranaguá, localizada no município de Paranaguá no Piauí, a 823 quilômetros da capital Teresina, com 72 km<sup>2</sup> de extensão e volume de 74 milhões de m<sup>3</sup>.

<sup>27</sup>. *Op. Cit.* SILVA. Lucival dos Santos. **As Mudanças econômicas ocorridas em Buriti dos Lopes com o fim do cultivo do algodão e o início do cultivo do arroz**. p. 21.

<sup>28</sup>. Jornal “*O Dia*” 15/02/1974. Pág. 3. Arquivo Público do Estado do Piauí. Casa Anísio Brito. Teresina.

Ao longo de décadas a lagoa foi para muitas famílias o principal meio de sobrevivência, pagar suas dívidas contraídas durante o ano era principalmente dela que dependiam. Muita labuta para colocar em suas mesas um dos maiores símbolos na culinária nacional juntamente com o feijão.



**Figura 3: A produção de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes.**

**Fonte:** [www.portalburitiense.com.br](http://www.portalburitiense.com.br). Acessado em 01 de setembro de 2013.

As fontes impressas são importantes para o historiador, mas as fontes orais, por sua vez, trazem consigo uma particularidade marcante, a subjetividade. Nas histórias de vida de muitos de nossos colaboradores, aparece como fundamental em suas vidas a memória sobre a lagoa.

As fontes orais, por outro lado, trazem à tona o caráter de disputada das memórias. A subjetividade intrínseca dessas fontes se concretiza em representações baseadas em uma realidade já vivida pelos sujeitos:

“A história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis, isto é, que se reconheça nela, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato. Representações são tão reais quanto meios de transportes ou técnicas agrícolas, por exemplo.”<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup>. ALBERTI, Verena. **Ouvir contar textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 9.

Francisco Carvalho Nunes, migrante do Estado do Maranhão, de 62 anos de idade. Conhecido como Seu Nenem Calixto tornou-se um personagem fundamental nessa pesquisa. Tem uma habilidade incomum de narrar fatos. Em entrevista concedida no quintal de sua casa, abriu vários álbuns de fotografias e começou a lembrar com saudosismo de cada momento registrado. Para ele as fotos são mais que imagens-espelhos de seu rosto, parentes e amigos. No início de nossa conversa, ainda com o gravador desligado, disse que iria pegar umas fotos daqueles tempos que foi presidente da ADCPROLAB e organizava as festas do arroz do Fumacê Clube. A cada foto que mostrava, uma lembrança significativa surgia, contava com entusiasmo: “Essa aqui é as passeatas que eu fazia, depois da missa nós fazíamos a passeata, olha aqui o tanto de gente, era bem organizada, ai tinha todo tipo de faixa, no primeiro de maio, isso aí é registro que eu tenho guardado.”<sup>30</sup> Suas memórias foram auxiliadas pelas fotos para contar determinado fato que viveu. Ecléa Bosi sustenta que as “a memória escolhe lugares privilegiados de onde tira sua seiva”.<sup>31</sup>

A entrevista com Seu Nenem Calixto girou em torno de sua história de vida, aprofundando a conversa sobre sua experiência em promover as festas do arroz no Fumacê Clube. O entrevistado é natural do Maranhão, sua família é mais uma das inúmeras que migraram para essa cidade durante o longo processo de imigração dos estados vizinhos, Maranhão e Ceará.

Estudou pouco em escola formal, largou a escola para trabalhar, fez até as primeiras séries do Ensino Fundamental. Porém, aprendeu o suficiente para ser reconhecido como poeta e escritor, tendo habilidades de escrita e leitura que surpreendem. Seu Nenem tem vários textos escritos, poesias, livros e escreve em um *site*<sup>32</sup> da cidade. Também participa atualmente da ABACC como sócio fundador. Apresenta um conhecimento popular vasto e por isso é muito requisitado na cidade para dar entrevistas sobre a história da cidade de Buriti dos Lopes:

“Meu amigo, é o seguinte: esse pouco tempo de vida que eu tenho, Ave Maria!!! eu tenho muita história pra contar, porque eu me dediquei desde de criança, eu gosto muito de história. A matéria que estudei na minha vida que eu gostei foi história! Aprendi foi nada! Eu tive pouco tempo na escola, meu estudo foi muito pouco, mas eu gosto dos assuntos que acontecem.”<sup>33</sup>

<sup>30</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 05/10/2013.

<sup>31</sup>. BOSI, ECLÉA. **Memória da cidade: lembranças paulistanas**. Estud. av. vol.17 no.47 São Paulo Jan/Abr. 2003. P. 146.

<sup>32</sup>. [www.portalburitiense.com.br](http://www.portalburitiense.com.br).

<sup>33</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 05/10/2013.

A pouca escolaridade de Seu Neném não o impediu de buscar conhecimentos nos livros e até mesmo de escrever os seus próprios. Porém, permanece em seus textos e poemas, marcos da oralidade. Apesar de ser um migrante do estado vizinho, Maranhão, é considerado um guardião da memória da história da cidade.

A opção pela história oral possibilita que os recortes temporais, informações e fatos sejam contados nas falas dos narradores, sendo que o mais instigante nesse procedimento é o aprendizado com os entrevistados que possibilitam trocas de saberes. Alessandro Portelli, em seu artigo “Tentando aprender um pouquinho: uma reflexão sobre ética em história oral” (1997) tece reflexões a respeito da ética em história oral, analisa o papel do historiador oral:

“Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. [...] Cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras.”<sup>34</sup>

Walter Benjamin destacou o potencial que grandes narradores desempenham na sociedade, já que apresentariam grandes potencialidades de narrar fatos do seu passado e de outras pessoas: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.”<sup>35</sup>

No diálogo, percebemos o tom narrativo cheio de simbologias, levando o ouvinte a refletir sobre dada situação do passado. Seu Neném é um caso raro de narradores que estão se extinguindo em meio a uma cultura urbana permeada pelos meios de comunicação que priorizam o acontecimento presente, vazio de problematização. Na entrevista, falou sobre vários assuntos, com foco central em sua experiência como organizador das festas do arroz no Fumacê Clube. Quando falávamos sobre as manifestações que o mesmo organizava no dia do trabalhador, fez o seguinte comentário:

“A cidade esqueceu de fazer manifestações. É a covardia que não deixa, mas eu na minha época era quente, em uma faixa coloquei assim, aqui tinha muitas fábricas de pilar arroz: “*O Buriti dos Lopes, é como arroz pilado, tem que escolher o melhor*”. Essa frase é minha. Eu tinha muita vontade que se

---

<sup>34</sup>. PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História, São Paulo, (15), abril de 1997. p. 17.

<sup>35</sup>. BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. p. 198.

desenvolvesse, crescesse com dignidade, meu pensamento era nesse sentido.”<sup>36</sup>

Percebi na fala de seu Nenem Calixto um engajamento político na sua história de vida. O sentido da narração ganha aspecto de reflexão e ensinamento para quem ouve, pois faz explicitamente uma crítica aos políticos da época. Seu Neném demonstra imensa facilidade em narrar, talvez pelo seu pouco tempo na escola, sendo uma narrativa com dimensão utilitária para a vida presente. Walter Benjamin chamou isso de “sabedoria” e destacou que “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”.<sup>37</sup>

As disputas pelas terras da Lagoa Grande são lembradas por seu Nenem Calixto com saudosismo, ressaltando seu passado de luta em associações e cooperativas, “Eu comecei a admirar assim os movimentos, o sindicato, a cooperativa, logo fiz parte da cooperativa como conselheiro, depois eu fiz parte da colônia dos pescadores”<sup>38</sup>. Percebe-se um trabalho, consciente ou inconscientemente, de sua memória, entendida aqui como construção social ao manter coesão com sua identidade no presente. Michael Pollak destaca que: “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resulta de um verdadeiro trabalho de organização.”<sup>39</sup>

A relação da lagoa com a cidade se faz sentir em diversas passagens da entrevista. O personagem vivenciou de um ângulo especial os tempos áureos da produção do arroz na cidade, pois foi ativista nas lutas pela “*libertação da lagoa*”. Durante a nossa conversa sobre o Fumacê Clube, revivemos a produção do arroz, a criação da Associação dos Agricultores e as festas em comemoração às safras. Seu Nenem Calixto esteve inserido na produção do arroz, como ativista de manifestações contra o poder público, na presidência do Sindicato dos Plantadores de Arroz e na organização de festas no Fumacê Clube para os agricultores.

Antes da cultura do arroz ser inserida na lagoa, o algodão foi plantado na Lagoa grande de Buriti, sendo escoada pelos rios Longá e Parnaíba até o Porto das Barcas, centro comercial de Parnaíba no início do século XVIII. E essa atividade perdurou até por volta da década de 1970, quando ainda exportava toneladas de algodão para outros estados brasileiros.

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 05/10/2013.

<sup>37</sup>. **O narrador:** considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. p. 197.

<sup>38</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 05/10/2013.

<sup>39</sup>. POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212. p. 204.

A produção de algodão no norte piauiense é significativa desde o século XVIII, mas no século XIX se ampliou<sup>40</sup>. Boa parte dessa produção era escoada pelo Porto das Barcas para a Inglaterra, que vivia na época uma ascensão vertiginosa de produção de roupas, com a Revolução Industrial. Até meados da década de 1950, Buriti dos Lopes estava envolvida com essa produção. A cidade durante algumas décadas possuiu uma fábrica de beneficiamento de algodão de propriedade do buritiense Wenceslau de Sampaio que, com sua morte no ano de 1972, foi fechada.

Por volta da década de 1950 a cultura do arroz irrigado<sup>41</sup> chegou em Buriti dos Lopes, porém já se plantava esporadicamente em roças, (no plantio da roça esse é conhecido pelo agricultores como *sequeiro*). Houve uma significativa mudança nas mesas das cozinhas com essa nova técnica, pois antes o prato principal era a farinha branca e de puba, como lembra um proprietário de terras, da Lagoa Grande:

“No período do arroz foi uma revolução muito boa por que mudou o sistema, ninguém plantava arroz irrigado mudado, plantava era arroz de sequeiro chamado arroz de roça. Houve essa mudança por causa dessa facilidade, porque a lagoa chegou a baixar de nível e a lagoa aqui, que é ligada ao rio baixou também, ai se deu o plantio de arroz, ai interessou, ai plantou arroz e plantou algodão que era mais fácil a colheita dele.”<sup>42</sup>

Em muitos aspectos a cidade ganha contornos de mudanças, vinculados ao meio natural. As relações de trabalho vão ganhar força no espaço rural, influenciando também as relações homem-natureza. Primeiro porque o trabalho com o arroz exige muito mais mão-de-obra do que o algodão. Nos primeiros anos de colheita, as técnicas do plantio e colheita em sua maioria eram manuais. Só depois veremos a chegada de equipamentos, como a instalação de várias beneficiadoras de arroz na cidade.

A partir da década de 60, Buriti dos Lopes manteve-se no topo como o principal polo de abastecimento de arroz do Piauí. Logo que a cidade desenvolveu a cultura do arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, ficou conhecida nas cidades vizinhas como “*a cidade do arroz*”, sendo intenso o processo de migração de maranhenses e cearenses por conta das boas safras que o trabalho na lagoa rendia. Esses primeiros migrantes ficaram conhecidos como colonos, que vinham buscar a sorte na agricultura em terras burienses.

<sup>40</sup>. Em 1814 o Piauí exportou pelo Porto das Barcas- 31,5 toneladas de algodão; em 1816, - 42, 9 e em 1865 chegou a exportar 55 toneladas. MAVIGNIER, Diderot dos Santos. **No Piauí, na terra dos Tremembés**. Parnaíba: Siart, 2005. p. 55.

<sup>41</sup>. O termo *arroz irrigado* refere-se ao modo como é semeado o arroz, nesse caso fica submerso em água pela metade.

<sup>42</sup>. Entrevista concedida por Bernado Carvalho do Val à Lucival dos Santos Silva em 10/10/2012.

É o caso de Francisco Pereira dos Santos, 79 anos de idade, agricultor aposentado, que por muito tempo tirou o seu sustento da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes. A conversa realizada em sua residência foi marcada por um ritmo lento e pausado. Teve duração breve, porém proveitosa. Mantive uma ética em respeitar a idade do mesmo que no início da entrevista faz o seguinte comentário: “Na idade que estou, não tenho saúde, agente fica até sem assunto, sabe nem contar uma coisa. O sentido da gente muda, não era como era. Quando eu era mais novo, eu aprendia tanta música, tanta cantiga. E estou fragilizado.”<sup>43</sup>

Seu Francisco tem a percepção de velhice marcada por um conjunto de valores que a própria sociedade atribui para a velhice. Freitas<sup>44</sup> chama atenção para essa percepção em que o idoso passa a se sentir inútil ao perceber suas capacidades físicas diminuídas, sua saúde fragilizada a ponto de não conseguir mais definir um papel social que permita preservar a sua própria imagem de cidadão cumpridor de deveres na sociedade. Apesar disso, as lembranças sobre sua saída do Ceará permanecem vivas. A chegada na cidade, com seus pais foi marcada pela fuga da seca:

“(…) aí ele fez a muda pra cá. Quando chegemos aqui eu plantei arroz na lagoa 3 anos. Esse menino aí que mora perto ali da dona Rosário, aquele que vende leite, o Genilton foi quem me arrumou a terra de arroz lá. Eu pagava a renda, era de metade, se batesse 20 cargas, dez era dele, dez era meu. Se batesse 50, 25 era dele e 25 era meu. Só não me deu prejuízo porque não paguei ninguém de fora; era só mais meu menino.”<sup>45</sup>

Percebemos na fala de Seu Francisco uma passagem, em que apresenta um cenário da seca no Ceará que possibilitava várias famílias se deslocarem para regiões do Piauí. Também se evidencia a questão de como a lagoa foi a primeira oportunidade de tirar o sustento quando chegou em Buriti dos Lopes, marcado claramente por uma agricultura de subsistência que dependia do sistema de divisa da produção ao meio. Isso representava para o dono da terra lucros imensos, pois este não tinha trabalho e despesa com praticamente nada.

Pausadamente seu Francisco lembrava da sua vida no Ceará. A agricultura de subsistência e familiar era rotina do seu dia a dia no Ceará: “Eu trabalhava de roça, cortando roça, cercava, plantava, cavava as carreirinhas. quando era pra capinar, todos os meus irmãos tinham sua inchada”.<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup>. Entrevista concedida por Francisco Pereira dos Santos ao autor em 25/11/2013.

<sup>44</sup>. FREITAS, Silvane Aparecida. **A Identidade Social do Idoso: Memória e Cultura Popular**. Conexão UEPG. 2002.

<sup>45</sup>. Entrevista concedida por Francisco Pereira dos Santos ao autor em 25/11/2013.

<sup>46</sup>. Entrevista concedida por Francisco Pereira dos Santos ao autor em 25/11/2013.

Como pesquisador acadêmico sinto-me instigador a lutar com os velhos e a ajudá-los na preservação de suas memórias, de suas histórias de vida, tão importantes para o entendimento da sociedade buritiense atual. A historiadora oral Ecléia Bosi defende que “a mulher e o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles”<sup>47</sup>.

Nesse sentido, é que um jornal da capital, “*O Estado*”, de 11 de janeiro de 1973, auxilia e reforça mais ainda o caráter factual da fala do Senhor Francisco. A chegada de muitos imigrantes durante as décadas de 60 e 70 aumentará a exploração de agricultores/colonos na Lagoa grande. Fato denunciado por um vereador no mesmo Jornal:

“Coagidos pela polícia, colonos da lagoa de Buriti dos Lopes estão pagando à Prefeitura da cidade renda que se eleva a 20 por cento do que produzem, embora a Câmara Municipal tenha aprovado projeto de lei fixando em 10 por cento o montante a ser pago. [...] Segundo o vereador 10 por cento do arroz que produzem destina-se ao Estado, a título de imposto, 20 por cento à Prefeitura, como renda, e 15 por cento a quem colheu o cereal, restando menos da metade do total produzidos para o colono.”<sup>48</sup>

Portanto, a Lagoa era importante para as famílias pobres e migrantes de estados vizinhos, pois era daquele espaço que tiravam o alimento principal de suas refeições, o arroz, e também boa parte da renda familiar. Por outro lado, proporcionou a formação de uma elite agrária, que era detentora de grande parte das terras na qual o próprio poder público municipal corroborava para essa diferença de classe. Um estudo sobre as festas e os clubes poderá problematizar essas estratificações sociais, as relações de poder, as formas de colaboração e solidariedade entre os trabalhadores do arroz.

---

<sup>47</sup>. Bosi, E. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**, 3º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 81.

<sup>48</sup>. Jornal o Estado. Fonte: Digitalizada pelo autor no Arquivo Público do Estado do Piauí – APEPI, casa Anísio Brito.

## CAPÍTULO 2

### CLUBE DOS “RICOS”: PIRANGI CLUBE

“(…) Como diabo, pobre não entrava, quanto mais negro, entrava nada! Que conversa é essa rapaz! Era um preconceito monstro! Aí por isso também, que fez eu não ir. Que dizer que agora eu vou, só porque eu sou vereador? Por que recebi esse dinheirinho? Vou não! fui não! fui nada!!!”<sup>49</sup>

A escrita da história de Buriti dos Lopes pelo ângulo do lazer dar-se como uma alternativa às análises que privilegiam relações políticas e econômicas. Apesar de o lazer não estar isolado dessas dimensões, pois o homem é um ser social, complexo e não isolado de qualquer acontecimento da sociedade, seja ele político, econômico ou cultural. Mas ainda há uma negligência por parte dos cientistas sociais, incluindo os historiadores, dos temas que enfoquem o lazer como processo histórico. A diversão, que é uma construção social específica em cada sociedade parte das sociabilidades locais:

“O lazer apresenta-se como um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis e profundas com todos os problemas do trabalho, da família e da política que, sob sua influência, passam a ser tratados em novos termos.”<sup>50</sup>

A população de Buriti dos Lopes (re) inventou ao longo de décadas os locais e as maneiras de se divertir. Os registros deixados no Jornal “*O Buriti*” mostram que o Rio Pirangi era um local de atratividade nos fins de semana para os buritienses:

“Nessa época do ano, o Rio Pirangi passa a ser mais importante alternativa de LAZER aos buritienses. Aos finais de semana é grande o número de pessoas dos mais diversos níveis sociais que procuram o rio, belo pela sua formação rochosa e pelas suas quedas d’águas. Pena que não há um transporte para levar os buritienses até o rio.”<sup>51</sup>

O Jornal ao mesmo tempo em que apresenta a movimentação em busca do rio, também critica a ausência de infraestrutura de acesso ao mesmo. Localizado a 7 Km da cidade, no caminho que liga Buriti à Parnaíba, esse rio por muito tempo serviu com um polo de lazer para os buritienses. A maior atração eram os bares que ficavam ao lado do rio e a

<sup>49</sup>. Entrevista concedida por Francisco Bernardo da Silva ao autor em 01/10/2013.

<sup>50</sup>. OLIVEN, Rubem George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 61.

<sup>51</sup>. Jornal **O Buriti**, em 12/01/1989. p. 02.

piscina natural que se formava em períodos de cheia. Até o ano de 2009 permanecia como atrativo turístico da cidade, quando o rompimento da Barragem dos Algodões afetou o curso da água do rio, arrastando uma quantidade de pedras, mudando a paisagem natural. Acrescenta-se às consequências desse acontecimento os danos causados à cadeia produtiva e à economia local. O que de certa forma alterou as relações sociais de muitos buritienses que encontravam-se nesse espaço, por outro lado, motivou a abertura de novos espaços de sociabilidades.



**Figura 4: Rio Pirangi Antes e depois do rompimento barragem dos Algodões.**

À esquerda foto, de 1995, que mostra a piscina natural que se formava durante parte do ano. Fonte: Emanuel Pinheiro; À direita, foto de 2009 que mostra o dia em que a barragem dos algodões rompe, deixando nos registros oficiais 9 mortes, arrastando muitas pedras que seguravam a água e formando a piscina natural.

**Fonte:** Arquivo Pessoal de Emanuel Pinheiro.

Outro espaço “natural” que permanece como local de trabalho e lazer é a própria Lagoa Grande que serve de refúgio nos fins de semanas e, uma vez por ano, reúne competidores, homens e mulheres, do município e cidades vizinhas para realizar a famosa regata de canoas. No evento há premiações e distribuições de brindes aos pescadores. Portanto, esse espaço além de servir como local de trabalho para pescadores e agricultores é utilizado como lazer aos fins de semana para muitos buritienses. O interesse pelas áreas próximas a lagoa, ultimamente, se intensificaram e tem passado por processo de especulação imobiliária.

## 2.1. Pirangi Clube: Símbolo de distinção social

Na segunda metade do século XX, há no município a formação de uma elite agrária, proporcionada pelo grande sucesso da cultura do arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, como argumento no primeiro capítulo desse trabalho. Logo, emerge um grupo político e econômico que se insere de forma efetiva no poder local, criando um sistema de hierarquização social com posições de superioridade. Criam-se lugares de poder simbólicos, que servirão de legitimidade para esse novo rearranjo social:

“O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, que dizer, ignorado como arbitrário.”<sup>52</sup>

Essa elite buritiense criará lugares simbólicos dessas hierarquias. É nesse sentido que surge o clube<sup>53</sup> social *Pirangi Clube* em 1966, com intenção de promover reuniões, festas e desenvolver a prática do esporte entre seus sócios. A fundação do clube está diretamente ligada à produção de arroz na Lagoa Grande, pois foi com exploração dela que Buriti dos Lopes passou por profundas mudanças. O Pirangi Clube foi criado para o lazer e diversão de seus sócios, como aponta o Estatuto de 1966:

“Artigo 3º - O objeto da sociedade é proporcionar aos *sócios e suas famílias* e convidados, reuniões sociais em ambiente aprazível e saudável com a finalidade de incrementar e aprimorar a educação física, social e cultural, promover festas e reuniões dançantes, artísticas, esportivas, cívicas, literárias e filantrópicas proporcionais a quaisquer outras diversões ou divertimentos compatíveis com os de são moral.”<sup>54</sup>

Esse artigo, do primeiro e único estatuto do clube, evidencia os objetivos do clube. A preocupação em criarem um lugar “aprazível” que concentre a prática de esportes, a cultura e o lazer de seus sócios, aponta para a existência, em Buriti dos Lopes, na década de 1960, de uma elite preocupada com modelos de comportamento e preceitos morais, identidade que simboliza a distinção social.

O contato dessa elite com a cidade vizinha pode explicar essa influência. Parnaíba vivia desde a primeira metade do século XX uma ascensão econômica, principalmente por

<sup>52</sup>. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 14.

<sup>53</sup>. **Clube**: é um grupo de pessoas que se associam com propósitos comuns ou lugar onde essas pessoas se encontram. Definição do Dicionário *Aurélio* da Língua Portuguesa.

<sup>54</sup>. Estatuto do Pirangi Clube. Cartório Thomaz Romão. Buriti dos Lopes-PI, 09/01/1966. p. 1-2.

conta do extrativismo vegetal – borracha da maniçoba, a cera de carnaúba, a amêndoa do babaçu – esses produtos eram escoados pelo Porto das Barcas para os Estados Unidos, Grã-Bretanha e a Alemanha que os utilizavam principalmente para fabricação de explosivos.<sup>55</sup>

Essa economia beneficiara uma elite que procurou se diferenciar nos espaços de lazer. Em Parnaíba na primeira metade do século também fora fundado um clube social como algumas semelhanças com o Pirangi Clube, era o CASSINO 24 DE JANEIRO. Barros chama esse espaço de “clube dos ricos”, um lugar de distinção social da elite parnaibana na primeira metade do século em que para “ser admitido como sócios deveria atingir um patamar econômico e ter *status* na sociedade”<sup>56</sup>

Em um contexto mais amplo, a política de modernização na estrutura urbana das cidades já vinha sendo posta em pauta no Brasil desde o início do século XX, principalmente nas cidades do Sudeste do país.<sup>57</sup>

Esse modelo de urbanização era pautado principalmente por uma privatização da vida pública e pelos modelos de higiene de vida e lazer das elites, como destaca Margareth Rago em seu artigo “A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950”:

“(…) a ‘sociedade do café’ investiu na redefinição do espaço público, onde imperasse a respeitabilidade burguesa e em que os padrões ‘civilizados’ de comportamento e sociabilidade, progressivamente adotados no universo patriarcal da elite cafeicultora dos industriais emergentes, fossem exportados para toda a Cidade”<sup>58</sup>.

O modelo Europeu era o mais seguido pelas cidades, tanto em relação à urbanização como aos hábitos e ficou conhecido como a *Belle Époque*. As elites buscavam inspirar-se nos modelos europeus de sociabilidades, principalmente o de Paris. É nesse sentido que surgem espaços como teatros, cinemas, restaurantes e cafés, em ambiente puramente destinado à elite.<sup>59</sup>

<sup>55</sup>. Para um aprofundamento no assunto da economia piauiense na primeira metade do século XX conferir: QUEIROZ, Teresinha de J. M. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 2 ed. Teresinha: EDUFPI, 1998.

<sup>56</sup>. BARROS, Armando Lindolfo. **Clube dos Ricos: do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção social do cassino 24 de Janeiro (1914-1945)**. Parnaíba: 2010. p. 34.

<sup>57</sup>. Para um estudo aprofundado dessas mudanças urbanas das cidades do sudeste do Brasil nesse período e principalmente a do Rio de Janeiro conferir: CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>58</sup>. RAGO, Margareth. **A Invenção do Cotidiano na Metrópole: Sociedade e Lazer em São Paulo**. IN: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890-1954**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 51.

<sup>59</sup>. *Op. Cit.* RAGO. p. 6-7.

Na passagem para a segunda metade do século XX a cidade de Buriti dos Lopes sente esses efeitos principalmente pela ascensão econômica de alguns proprietários que estavam também envolvidos com a vida política da cidade. Uma das primeiras ações do prefeito Guilherme Portela Sampaio (1967-1970 e 1973-1976) foi a sua preocupação com a pavimentação das principais ruas da cidade, a construção de um mercado público, praças, estádio de futebol dentre outras.<sup>60</sup>

O Clube Social Pirangi foi construído nesse contexto socioeconômico pela qual a cidade passava. De forma geral os clubes sociais são espaços característicos das cidades modernas, definidos por fundações e entidades que formam grupos de sócios, que os mantem financeiramente. Nesses espaços, a socialização de grupos sociais ou entre si é muito característico por meio de práticas de esportes, artes e festividades culturais. Camargo afirma que esses espaços “podem também esclarecer sobre os hábitos e costumes utilizados de uma determinada sociedade<sup>61</sup>”.

Esse modelo de Clube fechado foi transportado da Inglaterra e foi muito comum na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX, era o momento de modernização, como argumenta Margaret Rago sobre lazer e sociabilidades em São Paulo na primeira metade do século XX:

“A importação dos *sports* e da ideia de *clubs* privados da Inglaterra foi acompanhada dos valores aristocráticos da origem, resultando, no Brasil, na violenta exclusão de trabalhadores braçais, dos negros, dos homossexuais e dos pobres dos códigos definidores dos que podiam competir.”<sup>62</sup>

Em Buriti o estatuto não traz o nome de todos os sócios, mas expõe sua primeira diretoria. Esta tinha o mandato de dois anos e era responsável pelas finanças e andamento das atividades do clube. Os primeiros membros foram escolhidos por votação no dia 9 de janeiro de 1966, composta pelos seguintes nomes:

“Presidente: Bernardo Romão de Sousa;  
Vice presidente: Bernardo Carvalho do Val;  
Primeiro Secretário: Mariano Lucas Leódido;  
Segundo Secretário: Raimundo Alcântara de Sousa;  
1º tesoureiro José Castelo Branco;  
2º secretário Gilson Sales de Sousa;

<sup>60</sup>. Jornal: “O Dia”. 26/02/1962.

<sup>61</sup>. CAMARGO, Laura Alice Rinaldi. **Clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro**: uma relação de hábitos e costumes. XI Simpósio Internacional Processo Civilizador. Buenos Aires: Argentina. p. 8.

<sup>62</sup>. *Op. Cit.* RAGO, Margareth. **A Invenção do Cotidiano na Metrôpole**: Sociedade e Lazer em São Paulo. p. 6.

Presidentes de honra: Dep. Wescleslau de Sampaio e Thomaz Romão de Sousa.<sup>63</sup>

De forma geral essa diretoria era composta por líderes políticos. O que denuncia que os sócios vinham de uma elite político-econômica, beneficiada pelos lucros da terra da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes. O Clube surgia exatamente no período de maior ascensão da cultura do arroz e exatamente no entorno do centro da cidade, espaço tradicionalmente atribuído ao lugar de moradia da elite.



**Figura 5: Localização do Pirangi Clube**

A sede do clube fica na Avenida Getúlio Vargas S/N, atual Luiz Gualberto de Sousa. Localizado no centro da cidade. É nesse mesmo perímetro que se registram as casas mais antigas da cidade.

**Fonte: Google Maps. Acessado em 20/08/2013.**

O Pirangi Clube em seus anos iniciais, principalmente durante a década de 1970, seguia a rigor seu estatuto no que se referia, principalmente, à admissão e permanência dos sócios. Poderiam ser admitidos e permanecerem no quadro social do clube apenas quem satisfizesse as seguintes condições:

<sup>63</sup>. Alguns desses nomes exerceram cargos políticos na cidade e fora da mesma, com destaque para os nomes: Wescleslau Pires de Sampaio deputado estadual por quatro vezes, vice governador do estado, presidente no Piauí da UDN (União Democrática Nacional) e o do PSD (Partido Social Democrata); Thomaz Romão de Sousa: Prefeito da cidade durante alguns mandatos na primeira metade do século XX; Gilson Sales: Vereador da cidade também por alguns mantados 1973-1976/1973-1983. Bernardo Carvalho do Val: Vereador municipal de 1973-1976, vice prefeito municipal de 1977-1983.

- a) gozar de bom conceito e ter boa conduta;
- b) exercer profissão lícita;
- c) Não sofrer de doenças infecto-contagiosa e ter perfeita sanidade mental;
- d) Não ter sido punido com eliminação de outra sociedade congênere ou não, por ato desabonador, salvo quando o juízo de Direito, em face do decorrido e das circunstâncias ocorrentes não mais haja motivos que lhe impeça o ingresso ou permanência.
- e) assumir e respeitar o compromisso de obedecer as leis e regulamentos e as autoridades da sociedade, portando-se com disciplina, dignidade e educação sempre que estiver em causa a sua qualidade de sócio.
- f) Ter posição social, educação e instrução compatíveis com o nível do clube.”<sup>64</sup>

Assim para ser sócio e ter o direito de participar das atividades do clube era necessário pertencer à elite. Porém, essa elite não se restringia somente ao poder econômico. O sócio deveria também ter “*status, educação e moral*”<sup>65</sup>. Para ser admitido dever-se-ia ter bons comportamentos e boa conduta na sociedade. O que para Pierre Bourdieu não são coisas opostas, mas sim complementares:

“O poder econômico puro e simples e sobretudo ‘a força do dinheiro’ não constituem, necessariamente, um fundamento reconhecido do prestígio social (...), os grupos de *status* se definem menos por um ter do que por um ser, irredutível a seu ter, menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens, pois a busca da distinção pode introduzir uma forma inimitável de raridade, a raridade da arte de bem consumir capaz de tonar raro o bem de consumo mais trivial.”<sup>66</sup>

Era mantido dessa forma um rigor na admissão de quem poderia ser sócio frequentador do clube. Quem matinha esse controle eram os próprios sócios, cabia a esses o poder de fiscalizar a entrada de estranhos, dos que não condiziam com o público da alta sociedade buritiense. O artigo 38º do Estatuto prevê advertência, entre outras, aos que: “*Solicitarem convite a pessoas que não são compatíveis com o quadro social*”<sup>67</sup> e eliminação aos sócios que “*facilitarem por qualquer meio a entrada de pessoas estranhas nas dependências do clube*”.<sup>68</sup>

O cenário de poder econômico e simbólico constitui relações sociais específicas, marcadas pelas tentativas de estabelecer “fronteiras” entre os grupos de moradores locais. Essas fronteiras ultrapassam o poder econômico. No caso específico dessa pesquisa, o Pirangi

<sup>64</sup> . Estatuto do Pirangi Clube. Cartório Thomaz Romão. Buriti dos Lopes-PI, 09/01/1966. p. 5-6.

<sup>65</sup> . Estatuto do Pirangi Cube: 1966. p. 6.

<sup>66</sup> . BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 14-15.

<sup>67</sup> . Estatuto do Pirangi Clube. Cartório Thomaz Romão. Buriti dos Lopes-PI, 09/01/1966. p. 8.

<sup>68</sup> . Estatuto do Pirangi Clube. Cartório Thomaz Romão. Buriti dos Lopes-PI, 09/01/1966. p. 8.

Clube é entendido como um espaço de sociabilidade específico de um grupo, pelo menos até o final da década de 1980.



**Figura 6: Parte Interna do Pirangi Clube.**

Sua estrutura contava com uma quadra dedicado à prática de esportes, um palco para apresentações de bandas, um barzinho e uma área coberta para reuniões.

Fonte: Arquivo pessoal do autor: 2013.

## 2.2. As Festas da “primeira” e as festas da “segunda”

Ao entender o Estatuto como fonte e não como realidade objetiva do passado, cabe agora perguntar como se deu a relação entre o projeto segregacionista de lazer e as percepções que os sujeitos tiveram dessa realidade, considerando o que os sócios idealizaram no Estatuto e até que ponto isto foi concretizado.

A memória de indivíduos, também entendida como fonte construída socialmente, oferece peculiaridades em relação às outras fontes. Verena Alberti explicita que a memória buscada nas conversas com homens e mulheres “privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu<sup>69</sup>”. A história oral, como apontei em alguns momentos do primeiro capítulo, permite-nos confrontar as histórias de vida de personagens concretos com os discursos oficiais.

Francisco Bernado da Silva, agricultor e soldador aposentado, conhecido na cidade como Chico Soares, lembra em conversa intrigante as festas de “antigamente”.

<sup>69</sup> ALBERTI, Verena. **Ouvir contar textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 16.

Durante a entrevista falou de sua vida e, sutilmente, tocava no assunto lazer. É importante ressaltar aqui que mesmo as fontes orais, referindo-se a fatos vividos pelo entrevistado, não deixam de ser uma construção que passa a existir no momento da entrevista, na escuta, no diálogo e na relação entrevistador e entrevistado. Nesse sentido, Portelli alerta que “documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente.”<sup>70</sup>

Há nessa relação recortes e escolhas do que está sendo lembrando, a lógica de lembrar do depoente é afetada, por exemplo, pela relação de intimidade em que se dá a entrevista. Isso ficou evidente quando em boa parte da conversa, Seu Chico Soares<sup>71</sup> falou de sua vida na escola, da sua relação com as matérias escolares, dos métodos de aprendizagem que se utilizavam da pátula. Como se minha presença, enquanto pesquisador acadêmico, o incomodasse e o levasse a tentar me convencer em sua narrativa do porquê de não ter prosseguido nos estudos.

“No meu tempo é o seguinte num é como você hoje, tá muito diferente, hoje a juventude procura estudo para conseguir formatura (...) Ainda cheguei como pobre a tirar a contas de somar, diminuir, multiplicar, dividir, mínimo múltiplo comum, máximo divisor comum, como pobre nessa época eu cheguei a tirar todas essas contas (...) Não estudei porque tinha que trabalhar, não como você hoje, tá bom de mais”<sup>72</sup>

Ao passo que abria os ouvidos à sua história de vida, ganhava a confiança do mesmo. Aos poucos dialogamos sobre temas como o lazer e os clubes na cidade. Alessandro Portelli nos sugere que é “essencial ao historiador a arte de ouvir”<sup>73</sup>, posicionei-me como um aprendiz em busca de conhecimentos.

Dessa maneira, Seu Chico Soares relembra a segregação que havia dentro do Pirangi Clube: “Pobre não entrava, quanto mais negro, entrava nada! Existia um negócio de festa da primeira e da segunda, eu era da segunda!”<sup>74</sup>

As festas da “primeira” referiam-se aos eventos nos quais só participavam os sócios e convidados, enquanto as da “segunda” eram as festas organizadas em outros locais, geralmente em casas de amigos e outros espaços e eram frequentados por aqueles que não pertenciam à “primeira”, ou seja, as classes trabalhadoras.

<sup>70</sup> PORTELLI, Alexandre. **O que faz a História Oral diferente**. Projeto. História, São Paulo 14/02/1997. p. 35.

<sup>71</sup>. A partir daqui me referirei ao colaborador pelo nome que prefere ser chamado “Chico Soares”.

<sup>72</sup>. Entrevista concedida por Francisco Bernardo da Silva ao autor em 01/10/2013.

<sup>73</sup>. Alessandro Portelli. **Tentando aprender um pouquinho**. Projeto História, São Paulo, 15/04/1997. p. 24.

<sup>74</sup>. Entrevista concedida por Francisco Bernardo da Silva ao autor em 01/10/2013.

As lembranças de Seu Chico Soares remetem à forte divisão social que existia dentro da sociedade buritense na segunda metade do século XX, manifestada, neste caso, por locais de lazer diferenciados. O colaborador comentou um fato que permanece na memória social da população que presenciou esse período. Para ser da “primeira” tinha que: “ter dinheiro e principalmente ser de uma família importante da cidade”<sup>75</sup>.

Seu Chico Soares conta que chegou ao posto de vereador durante a década de 1970, por convite de uma líder política da cidade, Zezita Sampaio, e foi durante esse período que recebera um convite dos sócios para participar de uma festa da Primeira:

“Aí eu sei que quando eu fui vereador, eu nunca tinha ido pra lá, porque eu era da segunda! Aí, quando eu fui vereador, foi ter a festa do arroz. Só dançava de paletó e gravata!!! Pessoal no meio da rua de paletozão!!! Era uma frescura monstra! Quando chegou um convite aqui em casa, para a Festa do Arroz, cheguei, peguei, abri, ‘Festa do Arroz!’ ‘Chico Soares recebendo um convite pra festa do arroz?’ Um compadre me perguntou ‘Você vai?’ ‘Eu?’ ‘Antigamente eles não me convidavam, agora que eu sou vereador, recebi esse dinheiro?’ ‘Vou nada!!!’ Fui não, fui nada!!! ‘Rapaz, tu não vai não? Tu é autoridade’. ‘Sim, eu sei que sou autoridade, mas eu não vou!!! Só por causa disso eu vou?’. ‘Vou nada, compadre!!!’”<sup>76</sup>

Aparece nessa fala a lembrança da festa do arroz, festa que teve sua primeira edição no ano de 1966. Até o final da década de 1980 só entrava no evento sócios e convidados, também existia uma conduta de só entrar com paletó e gravata, uma tentativa de elitizar e homogeneizar as práticas e costumes do lazer. Apesar do projeto dos sócios de manter uma conduta excludente, de só poder entrar com trajes a rigor, tinham indivíduos que resistiam a esse aspecto de modernização das práticas de lazer na cidade.

As resistências às tentativas de homogeneizar o lazer não se dava apenas pela recusa de querer ir às festas da “Primeira”, como no caso de Seu Chico Soares. Também acontecia o oposto, o desejo de querer participar das festas por algum motivo especial. O colaborador Emanuel Pinheiro, atualmente professor de geografia, comenta que em uma das edições da festa do arroz, sua prima fora convidada para desfilar:

“Eu estava com aquela vontade de entrar e na época eu não tinha condições financeiras. Fui e caí na bobagem de pular o muro, porque eu vi várias pessoas pulando o muro e nada tinha acontecido. Eu disse ‘agora chegou a minha vez’, mas por infelicidade quando eu pulei o muro, que eu caí lá dentro do clube, dentro da festa, eu caí em cima dos policiais. Os policiais disseram assim ‘você tem duas opções ou tu volta de novo pelo muro ou tu

<sup>75</sup>. Entrevista concedida por Francisco Bernado da Silva ao autor em 01/10/2013.

<sup>76</sup>. Entrevista concedida por Francisco Bernado da Silva ao autor em 01/10/2013.

vai passar pela porta'. A segunda opção todo mundo iria me ver sendo levado pelos policiais, eu preferi retornar pelo muro."<sup>77</sup>

Nesse sentido, pular o muro era uma estratégia para muitos que não tinham condição de entrar nas festas ou que muitas vezes não tinham *status* para participar dos eventos sociais promovidos dentro do Pirangi Clube. Era uma estratégia arriscada tanto fisicamente, pois o muro do Pirangi Clube mede cerca de 3 metros de altura, como moralmente, ser retirado do clube por policiais pelo mesmo local onde as pessoas estavam entrando iria causar constrangimentos.

A relação das festas da “primeira” com as da “segunda” também é lembrada na conversa com Seu Neném Calixto<sup>78</sup>, que observou essa lógica como um participante das festas de “segunda”:

“Isso é coisa de tradição de muitos anos, a *sociedade* aqui sempre classificavam uma primeira e uma segunda. A segunda era que eu fazia parte, que é gente pobre, desclassificado, pé de chinelo, pé inchado e eles eram os importantes, filho de papaiinhos, tudo de gravata né eu dizia ‘vamos quebrar com essa porra!!!’<sup>79</sup>

Havia aspectos de consciência de classe por parte dos que não faziam parte do lazer da elite. Seu Neném Calixto se sentia parte da “segunda”, por isso, é importante destacar que essa separação entre “primeira” e “segunda” não se dava apenas dentro do espaço do Pirangi Clube. Na memória da sociedade colocada por seu Neném Calixto “sempre” existira essa separação, causando certa indignação. Porém, levando em consideração essa separação marcada nas memórias de todos os entrevistados, esta se torna significativa para constatar uma desigualdade econômica vivida dentro de um contexto mais amplo, assim como para destacar elementos relacionados às identidades e diferenças culturais.

Seu Neném Calixto tem sua trajetória de vida marcada por um aprendizado político e militante dentro de sindicatos e pelo engajamento em eventos sindicais, como no Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, no ano de 1983, ao qual foi como representante ADCPROLAB:

“Quando eu cheguei de lá, cheguei com outro espírito de desenvolvimento, de querer as coisas organizadas, de lutar, porque lá tem muitas palavras de ordem, né, agente gritava palavras de ordem, então aquilo anima a gente, aquilo ali dá força na gente.”<sup>80</sup>

<sup>77</sup>. Entrevista concedida por Francisco Emanuel Pinheiro ao autor em 25/04/2014.

<sup>78</sup>. Falei desse personagem e da relação entrevista no primeiro capítulo desse trabalho.

<sup>79</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 15/10/2013.

<sup>80</sup>. Entrevista concedida ao autor por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 15/10/2013.

Para ele o aprendizado nesse Congresso teve um forte sentimento prático e ideológico. Esse período é marcado por várias manifestações contra o Regime Militar no Brasil. Esses congressos organizados pelos trabalhadores das fábricas de São Paulo permitia a troca de experiências entre operários. Quando volta para Buriti dos Lopes viu seu espírito cheio de utopias: “dava vontade de arrebentar tudo. Não tem ninguém grande aqui! Grande é nós!, aí organizei a festa dos trabalhadores, organizei as passeatas, organizei a festa do arroz no Fumacê Clube, a festa do bagaço como eles chamavam.”<sup>81</sup>

Há um discurso politicamente engajado nas lembranças de Seu Neném Calixto o que é um trabalho da memória ao tentar ajustar-se ao tempo presente, como afirmar Pollak: “há uma ligação fenomenológica estreita entre a memória e o sentimento de identidade”<sup>82</sup>. A memória de Seu Neném Calixto funciona como uma ferramenta com significado de identidade para o seu presente, com suas preocupações e envolvimento em lutas e campanhas em prol de mudanças na cidade, como membro da Academia Buritiense de Artes, Ciências e Cultura.

Como exposto no primeiro capítulo, houve na cidade uma ascensão da cultura do arroz e a formação de uma elite do arroz. Principalmente constituída por membros de famílias tradicionais da cidade. Essa divisão entre “primeira” e “segunda” na cidade não era sentida somente no lazer, Seu Genésio agricultor e carpinteiro aposentado lembra que:

“Na década de 1960 tinha um time da avenida e tinha o do centro, o nosso da avenida era o constituído por pessoas da segunda e o da rua era o da primeira, mas eles quase não ganhavam da gente, era uma rivalidade monstra, porque eles representavam a gente fora do Buriti, aí nós tínhamos raiva daquilo”<sup>83</sup>.

As recordações de Seu Genésio ao se lembrar das partidas de futebol mostra que houve encontros, conflitos entre os da “primeira” e os da “segunda” em vários espaços e momentos, principalmente, a partir da experiência da festa do arroz no Fumacê Clube, organizados pelos sócios da ADECPROLAB ao final do ciclo da colheita do arroz. Esse clube aparece como um espaço de referência, um ponto de encontro e têm fortes sentimentos de identidade para os agricultores e membros do Grupo Carnavalesco Escravos do Samba. Tema central do próximo capítulo: O Fumacê Clube.

<sup>81</sup>. Entrevista concedida ao autor por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 15/10/2013.

<sup>82</sup>. POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992 p. 200-212. p. 204.

<sup>83</sup>. Entrevista concedida ao autor por Genésio Carvalho da Silva em 18/05/2014.

## CAPÍTULO 3

### CLUBE DOS TRABALHADORES: FUMACÊ CLUBE

“Está na hora de botar pra quebrar  
 É proibido ficar sem rebolar  
 Cuidado não var cair do burro  
 Se ver que caia é melhor se apiá  
 Na palhoça do Fumacê...  
 tem muito grogue e garota pra valer  
 É lá que eu vou encher a cara,  
 Nesses três dias ninguém fica sem beber.”<sup>84</sup>

#### 3.1 “Na palhoça do Fumacê”

Se o Pirangi Clube foi, durante as décadas de 70 e 80, um espaço privilegiado de uma elite que procurava diferenciar-se como classe econômica e simbólica da cidade de Buriti dos Lopes, o restante da população reinventava seus locais de lazer e divertimento. Trabalhadores rurais organizados a partir da experiência da ADECPROLAB, grupos musicais populares como o Escravo do Samba e a juventude transgrediam os padrões impostos pela elite, de modelos de comportamentos padronizados e homogêneos.

Os locais de divertimento na cidade se davam em vários lugares, botequins, no Rio Pirangi, na Lagoa, em residências ou mesmo na rua, como já demonstrado no início do segundo capítulo. Porém, nas entrevistas com pessoas da cidade um espaço reaparece nas memórias e recebe significados e interpretações que vão para além de uma alternativa de lazer de trabalhadores

O Fumacê Clube foi construído em 1970 pelo maranhense Elias Gonçalves que em 1962 migra para Buriti dos Lopes<sup>85</sup>. Teve sua primeira cobertura com palhas de palmeira. O colaborador Genésio da Silva, em uma conversa agradável concedida em sua residência, relembra como se deu a construção da palhoça em 1970:

“Fui convidado pelo Seu Elias em 1970 para construir a palhoça, coloquei as forquilhas que eu mesmo fui pegar nas matas. Mas a cobertura não fui eu,

<sup>84</sup>. Música Popular, autoria: Agenor Costa Rego.

<sup>85</sup>. Fonte: <http://www.portalburitiense.com.br/2012/03/14/senhor-elias-goncalves-e-velado-na-camara-municipal/> acessado em 20/10/2013.

porque eu não sabia cobrir com palha da carnaúba, quem cobriu foi o Zé Bitica meu irmão”<sup>86</sup>

Na arquitetura descrita por Seu Genésio constatamos materiais retirados da própria flora local, como a madeira utilizada para fazer as forquilhas<sup>87</sup> e a palha da carnaúba, abundante na região. Denota simplicidade do empreendimento e o trabalho colaborativo. Esses elementos locais reforçam o sentimento de identidade com seu lugar.

Suas lembranças estão ligadas a outras pessoas que compartilharam e viveram aqueles fatos. Dessa forma, concordo com o teórico Halbwachs quando este afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva.

Entretanto, se as lembranças são “fatos” vividos em grupos, mas lembrados por um indivíduo, não se pode descartar o lado individual da memória. No diálogo com os festeiros, apareceu a dimensão individual e subjetiva das lembranças. Isso possibilita a reflexão sobre a diversidade das experiências vividas por cada um, seus pontos de semelhança, suas diferenças e também pontos de convergências, tensões e conflitos. Portelli<sup>88</sup> comenta sobre a história oral. Destacando o pluralismo resultante dos depoimentos que tratam das visões particulares da verdade, permitindo a construção do conhecimento por várias abordagens, indicando que as lembranças dos entrevistados são dadas a partir do filtro da memória de cada indivíduo e de suas subjetividades, as quais levam a escolher o que se quer relatar ou não.

O entrevistado José Redimiro reconstrói e dá significado a um fato vivido por ele há mais de 40 anos, relembra o dia da inauguração da Palhoça do Fumacê, como foi chamada por ele. Deu-se numa noite de alegria e diversão no natal de 1970: “foi das 7 horas da noite até às 7 horas da manhã”.<sup>89</sup>

Esse mesmo acontecimento foi lembrado por Francisco Bernado da Silva, o seu Chico Soares: “Foi no carnaval de 1971, foi bom de mais! Era mulher de mais. Escravos do Samba tocando por cima”<sup>90</sup>.

Para Seu Francisco a inauguração aconteceu no carnaval de 1971 e não no natal de 1970 como contou seu Francisco Bernado da Silva. Essa data descrita por Seu Francisco pode está associada a sua participação de forma efetiva nos carnavais da cidade, o mesmo era

---

<sup>86</sup>. Entrevista concedida por Genésio Carvalho da Silva ao autor em 18/05/2014.

<sup>87</sup>. **Forquilha:** Madeira com duas pontas, que era usada como sustentação para receber tetos cobertos de palhas de palmeiras, um exemplo análogo são as colunas atualmente.

<sup>88</sup>. PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, n. 10, p. 23-32, 1997.

<sup>89</sup>. Entrevista concedida por José Redimiro de ao autor em 18/05/2014.

<sup>90</sup>. Entrevista concedida por Francisco Bernado da Silva em 01/10/2013.

membro do Escravos do Samba. Essas verdades significam que tanto no período do carnaval como nas festas de final de ano eram marcantes para os membros participantes das festas no Fumacê Clube.



**Figura 7: Localização do Fumacê Clube**

Localizado na Rua: Humberto Castelo Branco, ao lado do Mercado Público da cidade. Atualmente esse espaço encontra-se fechado.

Fonte: Google Mapas. Acessado em 20/08/2013.

Nascia na década de 1970 em Buriti dos Lopes um novo espaço de experiências e sociabilidades para jovens, adultos e mulheres. Esse espaço, diferentemente do Pirangi Clube, não era um clube social demarcado por um discurso que preconizava um comportamento padronizado de seus participantes. Isso fica evidente pela própria ausência de um regulamento escrito, como um Estatuto ou Regimento Interno. Todavia, não deixava de ter suas regras de sociabilidades próprias, criadas a partir da cultura popular, manifestada através de uma linguagem específica e característica da população local.

A cultura popular é entendida nessa pesquisa como manifestações de uma classe não hegemônica, a cultura do povo. Todavia, sabendo da complexidade de definir quem é o “o povo” e não caindo na armadilha da homogeneidade dos excluídos, compartilho com o historiador cultural Peter Burke: “Talvez seja melhor seguir o exemplo de vários historiadores

e teóricos recentes e pensar as culturas populares no plural, urbana e rural, masculina e feminina, velha e jovem, e assim por diante.”<sup>91</sup>

A cultura popular analisada nesse trabalho foi a partir da experiência dos agricultores da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes e de alguns membros do grupo Escravos do Samba, que de alguma forma estiveram envolvido com as festas na Palhoça do Fumacê.

O Fumacê Clube diferencia-se do Pirangi Clube por não possuir um código de regra escrito, como um estatuto ou regimento interno. É exatamente na linguagem popular que o Fumacê Clube aparece, como na música popular cantada pelo grupo Escravos do Samba, exposta na epígrafe desse capítulo, na qual o compositor de sambas populares da cidade, atual presidente do Escravos do Samba, Agenor Rego, cantava durante as apresentações no Fumacê Clube na década de 1970.

Seu Agenor dialogou sobre sua vida na época da juventude e do Fumacê Clube de antigamente. Esse clube foi primordial para o seu grupo de Samba, marcada por episódios que viveu com seus companheiros de música. Hoje, com 78 anos de idade, relembra o contexto no qual escreveu músicas e o significado que estas tinham para o seu grupo:

“Eu, Totó, Gilber que era saxofonista, Benedito Soares, Zé Melo Soares, era o nosso grupo que bebíamos e tocávamos juntos. Nesse tempo o Elias, hoje o finado Elias, veio do Maranhão e montou a palhoça do Fumacê. Nós tocamos lá no carnaval e eu resolvi fazer essa música aos trabalhadores que ‘ficavam bêbados’ e caíam do burro, ficavam no chão”<sup>92</sup>.

Essa letra da música remete aos três dias de carnaval nos quais o grupo Escravos do Samba se apresentava no Fumacê Clube. Esse Grupo foi fundado 1956 por músicos da própria cidade, iniciativa de um grupo de amigos do qual Seu Agenor fazia parte, os irmãos Soares: Genésio, Francisco e Benedito - os dois primeiros colaboradores desse trabalho -, Totó, José Rato, dentre outros. Todos moravam e pertenciam ao bairro Avenida. Essa primeira formação se manteve até o ano de 1990, quando fizeram sua última apresentação no Fumacê Clube:

“Tocávamos de mais nesse Fumacê! As festas do bagaço lá quem comandava era nós. Tocávamos para os trabalhadores, até o dia amanhecer. No carnaval nem se fala, era a melhor época pra gente né. Tocávamos as machinhas tradicionais, os sambas. Era bebo que fazia lama naquele Fumacê (risos).”<sup>93</sup>

<sup>91</sup>. BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 41.

<sup>92</sup>. Entrevista concedida por Agenor Costa Rego em 10/05/2014.

<sup>93</sup>. Entrevista concedida por Agenor Costa Rego ao autor em 10/05/2014.

Escravos do Samba marca uma época de apresentações no Fumacê. Tocavam machinhas tradicionais e sambas do Rio de Janeiro, os componentes aprendiam essas músicas pelo rádio: “nós pegávamos essas músicas pelo rádio”<sup>94</sup> Seu Nenem Calixto comenta que “vinham bandas de fora tocar na festa do arroz do Fumacê, mas por muitos anos quem tocou foi os Escravos do Samba.”



**Figura 8: Escravos do Samba no Fumacê Clube: 1990**

Figura 7: Última apresentação da primeira formação do grupo Escravos do Samba no Fumacê Clube. Alguns desses membros já faleceram. Outros que estão vivos, atualmente fazendo parte da velha guarda da nova formação do Grupo Escravos do Samba.

**Fonte: Portal Buritiense.** Foto de 1990.

Dessa maneira, a memória é também entendida nesse trabalho como uma possibilidade de criar sentidos e identidades vinculadas ao espaço conhecido como Fumacê Clube, vivenciado trabalhadores da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes e por outros membros da população buritiense.

Seu Agenor Rego permanece ativo como membro do Escravos do Samba. Na conversa que tivemos contextualizava cada música que tinha escrito e lembrava com saudosismo os “tempos do Fumacê”:

“Quando nosso grupo voltou a se apresentar no ano de 2012, escrevi aquela música em que o refrão é mais ou menos assim: ‘Voltamos novamente com saudade ao *Fumacê*, pra fazer carnaval e sambar com você. Parece que o

<sup>94</sup>. Entrevista concedida por Genésio Carvalho da Silva ao autor em 18/05/2014.

passado tão alegre aqui chegou, pra lembrar com raça tempos bons que já passou. Esqueça que você chorou!’ ”<sup>95</sup>

Depois de 22 anos de paralização, esse grupo retornou, no ano de 2012. Muitos jovens são componentes dessa nova formação, mas alguns componentes da última geração estão ativos. A memória, dessa forma, é transmitida pelo contato de uma geração com outra. Apesar do Fumacê Clube não existir mais, ele continua latente nas lembranças de quem o vivenciou.

### 3.2. “A Festa do Bagaço”

Dos anos 70 até meados dos anos 80 temos algumas festas marcantes e que simbolizam o caráter popular do Fumacê Clube. Principalmente dos agricultores da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes. Os sócios da ADECPROLAB durante os anos 80 organizavam uma festa dos trabalhadores rurais da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes no Fumacê Clube. Conhecidos por eles como a festa do arroz. Um dos sócios, José Redimiro, da ADCPROLAB relembra que:

“A festa do arroz que nós organizávamos no Fumacê era boa de mais. Mas a festa do arroz mesmo era no Pirangi Clube, eles achavam que lá era melhor porque era um clube social né, aqui era um clube de um proprietário mas era a melhor que tinha”<sup>96</sup>

Existia uma festa do arroz organizada no Pirangi Clube desde o ano da fundação desse Clube Social, em 1966. Porém, com um caráter classista e hierarquizante do clube, os agricultores não tinham a oportunidade de participar dessas festas ditas “de primeira”, a não ser como convidados dos sócios. Esta exigia que homens entrassem de gravata e mulheres de vestidos o que por si só já causava certa aversão de alguns agricultores: “Na festa do Pirangi só entrava se fosse de gravata, era uma frescura monstra”<sup>97</sup>

Emanuel Pinheiro, o mesmo que pulou o muro do clube em sua adolescência, conta que pela sua atuação como *promoter*<sup>98</sup> conseguiu ascensão social e *status*, recebeu convite dos sócios do clube para organizar essa festa no Pirangi Clube. Isso já na década de 90, período em que essa lógica da segregação já estava sendo quebrada dentro do clube.

<sup>95</sup>. Entrevista concedida por Agenor Costa Rego em 10/05/2014.

<sup>96</sup>. Entrevista concedida por José Redimiro de Carvalho ao autor em 13/04/2014.

<sup>97</sup>. Entrevista concedida por Genésio Carvalho da Silva em 18/05/2014.

<sup>98</sup>. *Promoter*: Produtor de eventos, atividades esportivas sociais e culturais.

Comenta que existiam algumas permanências do caráter elitista do clube, especificamente dessa festa:

“havia um pré-conceito forte, assim que eu comecei a organizar essa festa, mas eu fui aos poucos quebrando com isso! Existia duas festas do arroz aqui em Buriti dos Lopes. A do Pirangi Clube e do Fumacê Clube, no Pirangi Clube o público alvo era os donos de terras. Os agricultores que plantavam durante o ano todo era na festa do bagaço”.<sup>99</sup>

Havia dessa maneira duas festas do arroz durante a década de 1980, a do Pirangi Clube e a do Fumacê Clube, essa tensão e disputa pela oficialidade da festa do arroz foi percebida nas lembranças e subjetividades dos participantes das festas do arroz. A festa do arroz no Fumacê Clube era motivo de chacota pelos participantes da outra festa, é o que lembra um dos organizadores da festa no Fumacê:

“Eles chamavam a nossa festa de bagaço, se achavam o tal. Mas nós não ficávamos por baixo. No dia da festa, quando terminava a deles eles vinham correndo pra nossa, aí agente deixava entrar todo mundo. Foi aí que começou a misturar a primeira com a segunda”.<sup>100</sup>

Nessa fala seu Redimiro comenta que à festa do arroz no Fumacê Clube era dado como um sentido pejorativo, pois não era reconhecida como a oficial. Outro ponto interessante é perceber também o caráter democrático que o Fumacê ganhou. Elias Gonçalves, proprietário do clube, não se importava com a entrada de membros da outra festa “O Seu Elias chegou e misturou tudo”<sup>101</sup>.

Seu Neném Calixto que organizava a festa no Fumacê juntamente com outros sócios da ADECPROLAB, instituição que representava os agricultores da Lagoa, lembra da festa que ajudava a organizar e a legítima:

“a nossa festa nunca foi reconhecida, naquela época não era reconhecida porque diziam que era a festa do ‘bagaço’... né! Mas nós considerávamos como a festa legítima, porque era nós quem organizávamos, nós que produzíamos, era os agricultores que faziam essa festa”<sup>102</sup>

Na fala de seu Neném Calixto a legitimidade da festa é atribuída à participação ativa dos trabalhadores na produção do evento. Ou seja, a festa se configura como um momento de sociabilidade pela própria capacidade de organização e celebração dos trabalhadores.

<sup>99</sup>. Entrevista concedida por Francisco Emanuel Pinheiro ao autor em 25/04/2014.

<sup>100</sup>. Entrevista concedida por José Redimiro de Carvalho ao autor em 13/04/2014.

<sup>101</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 15/10/2013.

<sup>102</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 15/10/2013.

Mesmo a festa sendo dos agricultores, admitia-se a entrada de outras pessoas que não eram sócios, com a ressalva de que seria cobrada uma quantia na entrada do clube. Esse caráter democrático do clube também aparece nas lembranças de agricultores “todo mundo entrava e era aquela misturada doida”<sup>103</sup>.

Esse sentimento democrático também foi atribuído ao proprietário do Clube: Elias Gonçalves da Silva. Visto com um homem bom e popular pelo agricultor e marceneiro Genésio:

“Quem acabou com essa frescura de primeira e segunda foi o finado Elias, ele foi um dos caras que ajudou muito nessa democracia e nessa popularidade que tem hoje. Lembro que o Elias disse uma vez ‘aqui dança todo mundo! Tem esse negócio de primeira aqui não!’ e o próprio Elias era da primeira, mas ele não tinha frescura não, ele era gente boa demais.”<sup>104</sup>

Mesmo não vivendo esses acontecimentos, pois registra durante nossa conversa que passou boa parte de sua vida fora “sai daqui em 1970, fui para Coelho Neto”<sup>105</sup>, “passei boa parte da minha vida lá, depois fui voltei para Teresina e só em 2012 é que vim embora”. Permanecem em sua memória esses acontecimentos. Pollak comenta sobre a importância da memória para constituição da identidade de grupos, defini que a memória é constituída por acontecimentos vividos pessoalmente ou “vividos por tabela” sendo esse último:

“Acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo”.<sup>106</sup>

Mesmo saindo da cidade com 34 anos de idade, seu Genésio remete ao tempo do Fumacê vivido pelos seus amigos do Escravos do Samba, como se tivesse presenciado aquele momento juntamente com seu grupo. Em sua fala, estamos diante de um típico caso em que a memória trabalha, consciente ou inconsciente, para manter a coesão de pertencimento a um grupo, através de acontecimentos herdados por outros membros, como as apresentações no Fumacê Clube.

<sup>103</sup>. Entrevista concedida por Francisco Bernardo da Silva ao autor em 01/10/2013.

<sup>104</sup>. Entrevista concedida por Genésio Carvalho da Silva ao autor em 18/05/2014.

<sup>105</sup>. Cidade localizada no Estado do Maranhão distante 345 da capital São Luiz-MA.

<sup>106</sup>. POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992 p. 200-212. p. 201.

A referência a um passado não vivido concretamente, mas representativa para os sujeitos de um seu grupo, revela um dos pontos que torna a história oral diferente das demais fontes. O que interessa, ao ouvir pessoas com sua história de vida, com suas idiossincrasias, não é somente o “fato” vivido por essa pessoa, mas também entender o processo de transformação da memória com o passar dos anos, revelando que a mesma é dinâmica, sujeita a transformações com o momento que se lembra. Esses detalhes acabam que nos relevando o próprio fato. Como afirma Portelli: “A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados<sup>107</sup>”.

A popularidade atribuída ao proprietário do clube nas lembranças dos colaboradores desse trabalho é um indício de que era importante para os trabalhadores do arroz acolhida nesse espaço. Agenor Rego comenta que “essa popularidade toda do seu Elias fez dele um homem importante para a cidade. Ele foi um grande político”<sup>108</sup>.

Percebe-se assim que o caráter democrático atribuído ao proprietário do Fumacê Clube foi utilizado pelo mesmo como estratégia política e o levou a ser uma pessoa muito popular na cidade. Elias Gonçalves aparece na lista de vereadores na cidade.<sup>109</sup>

Para Melo, a natureza da festa é “intrinsecamente divisional, comemorativa, pautando-se pela alegria e pela celebração”<sup>110</sup> Para os agricultores/organizadores da festa do arroz no Fumacê Clube, naturalmente existia esse sentido. Como lembra Seu Redimiro “no dia da festa agente dançava, festejava, extravasava mesmo”<sup>111</sup>.

Porém, essa festa transbordava esse sentido lúdico e de entretenimento atribuída a mesma. Isso fica mais evidente quanto ao dia escolhido para a festa que não era qualquer dia, era o dia em que também se fazia a festa no Pirangi Clube:

“Escolhi um grupo para organizarmos essa festa, Domingo da Páscoa, Redimiro, compadre Antônio Carlos, aí eu disse ‘nós vamos competir com a festa da primeira, se num der não deu né, nós se vira e paga, vende saco e pago o tocador, mas vamos fazer no mesmo dia, nós não vamos nos acovardar!’ Toda vez quando acabava a de lá (Pirangi Clube) eles vinham

<sup>107</sup>. PORTELLI, Alessandre. **O que faz a História Oral diferente**. Projeto. História, São Paulo 14/02/1997. p. 31.

<sup>108</sup>. Entrevista concedida por Agenor Costa Rego ao autor em 10/05/2014.

<sup>109</sup>. Elias Gonçalves Foi vereador municipal de 1977 a 198. Em 1983 candidatou-se a Vice-Prefeito na chapa do Sr. Guilherme Portela de Sampaio, não conseguindo êxito eleitoral. Em 1984, candidatou-se novamente a um cargo eletivo como vereador, tendo conseguido sua reeleição como adversário político do Prefeito eleito Dr. Joaquim Narciso de O. Castro Filho de 1989 a 1992. No quadriênio político partidário seguinte não concorreu a nenhum cargo eletivo, somente sendo companheiro de chapa do então candidato a 2ª eleição Sr. Antonio Ribeiro Tavares, para o próximo mandato de mais quatro anos compreendido no período de 1997/2000.

<sup>110</sup>. MELO. José Marques. **As festas populares como processos comunicais**: Roteiro para o seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI. PCLA – Volume 3. Número 3: Abril 2002. p. 2.

<sup>111</sup>. Entrevista concedida por José Redimiro de Carvalho ao autor em 13/04/2014.

pra cá (Fumacê Clube), mas só entrava se pagasse a cota, pra moralizar a nossa.”<sup>112</sup>

Era significativo para os membros organizar a festa e fazê-la no mesmo dia da outra festa no Pirangi Clube para mostrar que eles eram importantes e que realizavam suas próprias maneiras de diversão. Caracterizados com elementos da própria cultura local, como a banda que tocava, os Escravos do Samba. Essa festa era mais que um passatempo, era mais um momento de conquista para os trabalhadores. Apontava uma tomada de posição face as sociabilidades excludentes da elite local.

A festa ganhava um sentido político para os agricultores. Competir com a festa “da primeira” tinha um significado de rivalidade e afirmação. Esses conflitos representam a luta que o sindicato empreendia naquela década contra os latifundiários. A luta pela terra que dava-se durante o dia prolongava-se pela noite, virando uma luta pela festa.



**Figura 9: Festa do Arroz no Fumacê Clube na década de 1980**  
Festa do arroz ou “festa do bagaço” no Fumacê Clube. Ano de 1985;  
Trajes dos dançantes característicos dos agricultores da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes.  
**Fonte: Nenem Calixto. 1980**

<sup>112</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 15/10/2013.

De forma sarcástica os agricultores recebiam por volta das “3 horas da madrugada” os homens de gravata que estavam participando da festa no Pirangi Clube: “No dia da festa, quando terminava a deles eles vinham correndo pra nossa, aí agente deixava entrar todo mundo.”<sup>113</sup> Esse aspecto aponta que apesar das desavenças, os trabalhadores não se vingavam excluindo ou se resguardando do contato com os ricos da terra.

Outro ponto a se perceber nessa festa foi o caráter organizacional da mesma. Era necessária a mobilização dos agricultores, exigindo assim um esforço coletivo. Trabalho que demorava dias, mas que era recompensado no dia da festa:

“A nossa festa era boa porque era organizada por uma turma boa! Como você sabe né? Uma só pessoa organizando uma coisa, é diferente de uma turma. Nós tínhamos muita moça preparada, muito rapazes. Agente rodávamos o interior fazendo convite, dava muito trabalho, mas fazíamos uma festa muito brilhante.”<sup>114</sup>

A festa era um momento de celebração, mas também de mobilização e trabalho comunitário que exigia uma dedicação por partes dos trabalhadores rurais. Era também utilizado com momento de fortalecimento do grupo, momento de encontro e de sociabilidade.

A festa do arroz ou festa do “bagaço” realizado no Fumacê Clube teve sua última edição nesse formato, organizado pelos sócios da ADCPROLAB, no ano de 1988. No ano seguinte ela foi absorvida pela iniciativa privada, passando a ser realizada por empresários do ramo:

“Quando foi um dia o menino veio aqui em casa: ‘Neném eu vim aqui falar com você pra liberar esse ano, pra nós fazermos a festa. Eu já falei com o seu Elias, disse que só se você liberasse’. Eu disse ‘rapaz como realmente nós já fizemos uns poucos de anos, pode fazer’. Eu sabia que não iríamos mais fazer! Porque tomaram a festa e foi o que aconteceu! Aí acabou nossa festa por isso né!”<sup>115</sup>

As festas acabaram, mas continuam vivas nas lembranças dos trabalhadores locais. Configurando uma experiência histórica marcada por conflitos e solidariedades. Denotam, entre outros casos, como os sujeitos foram protagonistas ativos de suas história de vida, reinventando no lazer formas de celebração coletiva.

<sup>113</sup>. Entrevista concedida por José Redimiro de Carvalho ao autor em 13/04/2014.

<sup>114</sup>. Entrevista concedida por José Redimiro de Carvalho ao autor em 13/04/2014.

<sup>115</sup>. Entrevista concedida por Francisco Carvalho Nunes ao autor em 15/10/2013.

## CONCLUSÃO

As transformações econômicas e sociais pelas quais passou a cidade de Buriti dos Lopes na segunda metade do século XX, advindas da implantação da cultura do arroz na Lagoa Grande, transforma o cenário da cidade. Sua urbanização ganha força, principalmente pela formação de uma elite agrária beneficiada pelos lucros abusivos sobre trabalhadores rurais. Porém vemos algumas estratégias de lutas desses trabalhadores, como a criação da Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Produtores da Comunidade da Lagoa de Buriti – ADECPROLAB. Ao mesmo tempo, foi percebido um processo de migração de maranhenses e cearenses que viram no plantio do arroz oportunidade de sobrevivência.

À elite, que se criara em torno dessas mudanças, interessava manter espaços de lazer fechados. Nesse sentido o clube social Pirangi Clube foi criado em 1966 para satisfazer um modelo de sociabilidade pautada na higienização de padrões de comportamentos. Isso foi percebido principalmente pelas fontes orais, em que os sujeitos lembram-se das festas “da primeira” e as “da segunda”. Aquelas realizadas principalmente no Pirangi Clube e estas no Fumacê Clube e em outros espaços populares.

Este último clube representou, até o final da década de 1980, um lugar estratégico para os trabalhadores rurais que organizavam a festa do arroz, ou “festa do bagaço”. Entendida para além de manifestação de lazer, estratégia organizada e planejada pelos agricultores como forma de rivalizar com a festa “da primeira” no Pirangi Clube.

Por fim, a festa do “bagaço” constituía momentos de sociabilidades nas quais os agricultores se reuniam, conversavam e projetavam suas lutas. Também mantinham um intrínseco papel de fortalecimento do grupo, evidenciado na memória dos sujeitos entrevistados. Foi importante também perceber durante esse trabalho que festas e organização social estão relacionadas aos ciclos da natureza, tempo da colheita do arroz.

## FONTES E ARQUIVOS

### a) Fontes Escritas

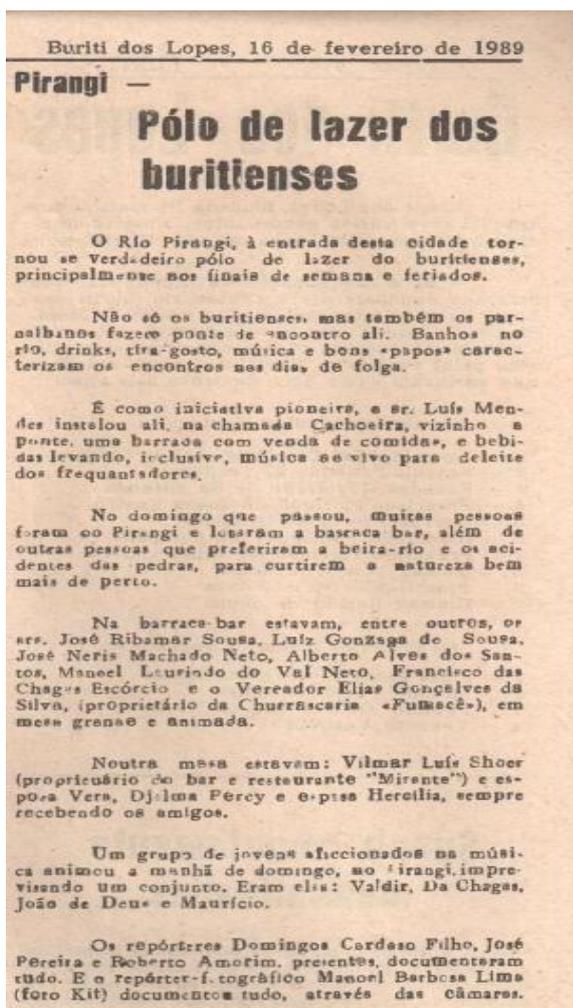
1 - Jornais: O Buriti, O Dia e O Estado. Esses três jornais foram importantes para o cruzamento de dados com as fontes orais.



“O Dia”. 26/02/1962.



“O Estado”. 11/01/1973.



“O Buriti”. 16/02/1989

**2 - Letras de músicas populares.** Dentre essas músicas foram utilizadas o Hino da ADECPROLAB de composição de Francisco Carvalho Nunes e uma música do Grupo Escravos do Samba.

**3 - Estatuto do Pirangi Clube de 1966.** Primeiro Estatuto do Clube. Disponibilizado pelo atual presidente do Clube Marcos Antônio Duarte Val.

## Cartório Thomaz Romão

- PRIMEIRO OFÍCIO -

Cartório das Assembleias Sociais, Livro 08.020  
 Tabelas e Escrituras  
 Rua Marechal Buzato Castelo Branco, 81  
 BARRIS DOS LOPES - PIAUÍ

MARIA DOS REMEDIOS SOUSA LUCAS MATEUS, Oficial do  
 Protocolo de Letras, Oficial do Registro de Imóveis, Tabelião e  
 Escrivã do 1.º Ofício desta cidade e Comarca de Barris das  
 Lopes, Estado do Piauí, na forma da lei, etc, etc.

**CERTIFICADO.** - usando das atribuições que me são  
 conferidas por lei e a requerimento verbal de pessoa interessada que, dando  
 base e revendo o arquivo do Cartório do Primeiro Ofício, desta cidade, a  
 meu cargo, nele, nos livros e demais papéis no Livro de registros de  
 títulos e documentos do fls. 127v/126 encontrei a peça que  
 me foi pedida por certidão a qual é do teor seguinte: Número  
 de ordem: 1.036; Data: 27; Mês: Novembro; Registro de estatuto  
 apresentado, pelo Sr. Presidente do Clube denominado "Pi-  
 rangi Clube", cujo instrumento foi apresentado pelo Sr. Bar-  
 nardo Carvalho do Val e qual é do teor seguinte: "Os da 1.ª  
 Assembleia Geral que fundou e aprovou os Estatutos Sociais  
 e elegeram a primeira Diretoria do Pirangi Clube: Aos 09 (nove)  
 dias do mês de dezembro de mil novecentos e sessenta e seis  
 (09.12.1966), nesta cidade de Barris dos Lopes, no local onde  
 funciona o mesmo Clube, em caráter provisório, a Avenida Ge-  
 neral Góes, nº 8, às vinte e duas horas reuniram-se em Assen-  
 bleia Geral, todos do Pirangi Clube convocados sob a vo-  
 tação em número regular foi discutido e aprovado os Estatuto  
 Sociais e foi eleita a primeira Diretoria, pelo seguinte  
 modo: 1.º Presidente - Sr. Barnardo Carvalho do Val; 2.º  
 Primeiro Secretário - Mariano Lucas Leal; 3.º Segundo Se-  
 cretário - Raimundo Alcântara de Sousa; 4.º Primeiro Tesoureiro - Jo-  
 sé Castelo Branco; 5.º Segundo Tesoureiro - Gilson Galvão de Sousa  
 Diretor Esportivo - José Antonio de Sousa; Presidente de Honra -  
 Deputado Genésio Barreto e Thomaz Romão de Sousa. Os Esta-  
 tutos foram aprovados com a redação que se segue: **ESTATUTO**  
**DO PIRANGI CLUBE**: - Capítulo I - Do Clube e Seus Fins: **ARTIGO**  
**1º** - O Pirangi Clube, cuja denominação é em homenagem ao //  
 tradicional e poético "Rio Pirangi", na Bahia e Município //  
 notável ponto de atração turística da sociedade em geral //  
 fundada no dia nove (09) de janeiro de 1966, nesta cidade de  
 Barris dos Lopes, Estado do Piauí, onde tem sede e foro, é //  
 uma entidade socio-cultural-esportiva e filantrópica, com  
personalidade jurídica própria e distinta da dos seus asso-  
ciados, que não responde nem subsidiariamente pelas obriga-  
ções de natureza por ela contraídas. Parágrafo único a res-  
ponsabilidade dos sócios proprietários é restrita ao valor  
de suas respectivas ações; Artigo 2º - A associação cujo tem-  
po de duração é indeterminado tem sede provisória nesta cidade  
de Barris dos Lopes, à Avenida Presidente Vargas, nº 8, reger-  
do-se por estes Estatutos e em casos omissos, pela dispo-  
sições legais que lhe forem aplicáveis na conformidade da le-  
gislação em vigor no país e por seu Regulamento Interno; Arti-  
go 3º - O objeto da sociedade é proporcionar aos sócios e

### *Estatuto do Pirangi Clube - 1966.*

4 - Sites: [www.portalburitiense.com.br](http://www.portalburitiense.com.br), [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

### b) Fontes Orais

1. Agenor da Costa Rego. "Durante toda minha vida fui Boêmio e me orgulho disso", conversava Seu Agenor na entrevista concedida em sua residência em 10/05/2014. Saxofonista e compositor, Seu Agenor contava suas peripécias da vida boêmia, vividas com seus amigos de Escravos do Samba, com alegria e vivacidade. Atualmente é o presidente do

grupo cultural Escravos do Samba e com 78 anos, ainda pretende compor muitas músicas para os próximos carnavais da cidade.

**2. Francisco Bernado da Silva.** Esta entrevista foi realizada na casa do entrevistado em 01/10/2013. *“Vou não, fui não! Fui nada! Agora só porque sou vereador me convidaram”*, relembrou Seu Chico Soares, como gosta de ser chamado. Disponibilizou-se a relatar sua surpreendente história de vida, abordando desde sua infância à passagem para uma idade adulta. A profissão e a educação que recebera dos pais foram muito enfatizados durante a entrevista.

**3. Francisco Emanuel Pinheiro.** *“Quem era jovem que não fosse para o Fumacê aos domingos aquela semana não tinha dado certo para aquele jovem”*, assim lembra o professor Emanuel dos tempos do Fumacê Clube. Essa entrevista foi realizada na sala de sua casa em 25/04/2014. Sua vida na juventude foi muito enfatizada durante a entrevista, principalmente as farras no Fumacê com os amigos. Outro ponto marcante na entrevista foi sua participação na década de 90 na organização da festa do arroz no Pirangi Clube. *“Eu via muito preconceito”*, relembra quando se refere ao lazer no clube.

**4. Francisco Carvalho Nunes.** Conhecido na cidade de Buriti dos Lopes, Seu Neném Calixto é um “Grande Narrador”. Essa entrevista foi realizada no quintal de sua casa, na agradável sombra de uma mangueira, em 15/10/2013. *“O Buriti dos Lopes, é como arroz pilado, tem que escolher o melhor”*, lembra Seu Nenem. Natural do Maranhão migra com sua família para Buriti dos Lopes. Marcado por uma trajetória de luta em sindicatos e na participação em congressos da classe trabalhadora. Um dos fundadores da Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Produtores da Comunidade da Lagoa de Buriti – ADECPROLAB. Também um dos organizadores da festa do “bagaço”. Atualmente escreve poesias e outros textos em um site da cidade, o portal buritiense, é membro da Academia Buritiense de Artes Ciência e Cultura e também passista do grupo Escravos do Samba.

**5. Francisco Pereira dos Santos.** *“Quando eu era mais novo, eu aprendia tanta música, tanta cantiga”*, essas foram as primeiras palavras de Seu Francisco do Morro, como é conhecido na cidade. A conversa foi gravada em 25/11/2013 na sua residência. Tendo consciência da velhice que lhe obriga a falar pausadamente, lembrou de sua luta para criar os

filhos com a renda do arroz que plantava na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes. Migrante da seca no Ceará lembra que a lagoa foi seu principal meio de sustento.

**6. Genésio Carvalho da Silva.** Sorridente e feliz por ter chegado aos 78 anos de idade. Seu Genésio concedeu seu depoimento na sala de sua casa em 18/05/2014. Essa entrevista foi marcada pela emoção. Ao lembrar-se de sua infância as lágrimas desciam pelo seu rosto, não me contive e também chorei junto com ele. Foram quase duas horas de diálogo em que se lembrava das festas que participava com seu grupo Escravos do Samba. Participou da construção da “Palhoça do Fumacê”. Depois de um longo período longe da cidade, atualmente vive sossegado em sua cidade natal, Buriti dos Lopes, e voltou a ser componente dos Escravos do Samba.

**7. José Redimiro de Carvalho.** *Seu Redimiro*, atencioso e calmo concedeu seu depoimento na sua residência em 13/04/2014. Sócio da ADECPROLAB e também um dos organizadores da festa do “bagaço”. “*A nossa era a melhor*”, definia assim a festa a qual ajudou a organizar durante a década de 1980. Atualmente é pescador, no momento da entrevista conversa, articulava, mas não soltava suas redes de pesca nas quais estava fazendo concerto.

**8. Bernado Carvalho do Val.** Nessa entrevista Bernado Carvalho do Val, conhecido na cidade como “Senhor Bezim Val”, comenta as mudanças ocorridas na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes a partir da introdução da cultura do arroz: “*Veio muita gente do Maranhão e do Ceará nessa época, era muita festa*”. Essa entrevista encontra-se em anexo na monografia de Lucival dos Santos Silva: **As Mudanças ocorridas em Buriti dos Lopes com o fim do cultivo do algodão e o início do cultivo do arroz.** INTA: Parnaíba, 2012.

**LINKS CONSULTADOS**

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

<http://www.portalburitiense.com.br/2012/08/02/02-de-agosto-122-anos-de-historia/>

<http://www.portalburitiense.com.br/2010/10/25/conheca-nossa-historia/and>

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARROS, Armando Lindolfo. **Clube dos Ricos: do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção social do cassino 24 de Janeiro (1914-1945)**. Parnaíba: 2010.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da história: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**, 3º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994

\_\_\_\_\_ **Memória da cidade: lembranças paulistanas**. Estud. av. vol.17 no.47 São Paulo Jan/Abr. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia/** - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAMARGO, Laura Alice Rinaldi. **Clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes**. XI Simpósio Internacional Processo Civilizador. Buenos Aires: Argentina.

CARVALHO, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**. Revista Espaço Acadêmico – Nº 56 – Janeiro/2006 – Mensal – ISSN 1519.61.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DIAS, Maria Claudete. **Povoamento e despovoamento: da Pré-história à sociedade escravista colonial**. FUMDHAMentos VII. 2009.

DOMINGUES, Andrea Silva. **Cultura e Memória: O significado da Festa do Rosário e do ser Festeiro**. Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 49, ago. 2011.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História Portugal**: Editora Presença, 1970.

FREITAS, Silvane Aparecida. **A Identidade Social do Idoso: Memória e Cultura Popular**. Conexão UEPG. 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. De Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conservações com Jean Lebrun**. Tradução Reginaldo Carmelino Correa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MAVIGNIER, Diderot dos Santos. **No Piauí, na terra dos Tremembés**. Parnaíba: Sieart, 2005.

MELO, José Marques. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI**. PCLA – VOLUME 3 – Número 3: Abril/Maio/Junho – 2002.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

NOGUEIRA, André Aguiar Nogueira. **Fogo, Vento, Terra e Mar: Migrações, Natureza e Cultura Popular no Bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)**. Ed. SUPEGRAF, 2007.

NUNES, Francisco Carvalho. **História da Lagoa do Buriti: Mãe da pobreza**. Buriti dos Lopes. 1986.

OLIVEIRA, Marylu Alves. **Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo: O processo de modernização e intervenção do Estado Autoritário**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

OLIVEN, Rubem George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

\_\_\_\_\_ **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**.

\_\_\_\_\_ **O que faz a História Oral diferente**. Projeto. História, São Paulo 14/02/1997.

QUEIROZ, Teresinha de J. M. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 2 ed. Teresinha: EDUFPI, 1998.

RAGO, Margareth. **A Invenção do Cotidiano na MetrÓpole: Sociedade e Lazer em São Paulo**. IN: PORTA, Paula (org.). História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890-1954. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e a Ciência**. 3.ed., reimp. – Belo horizonte: Autêntica Editora, 2004.

SILVA, Lucival dos Santos. Monografia: **As Mudanças ocorridas em Buriti dos Lopes com o fim do cultivo do algodão e o início do cultivo do arroz**. Parnaíba, 2012.

SILVA, Raimundo Nonato da. **Formação de Buriti dos Lopes**. Teresina: COMEPI: 2005.

SOUZA, Francisca das Chagas. **Buriti dos Lopes**. 2000.